



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literatura**

FERNANDA BEATRICE DO AMARAL CASADO

**UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA OBRA LITERÁRIA DE
GEOFFREY CHAUCER PARA A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA INGLESA
APÓS A INVASÃO NORMANDA**

MONOGRAFIA

Orientadora: Profa. Ma. Michelle Andressa Alvarenga de Souza

Brasília

2023

RESUMO

Esta monografia explora a influência de Geoffrey Chaucer na manutenção da língua inglesa durante o século XIV. Iniciando com a contextualização histórica da época, o estudo abrange a cronologia da língua inglesa, enfatizando as influências linguísticas resultantes das invasões sofridas pela Inglaterra ao longo dos séculos. Em seguida, apresenta a biografia de Chaucer, destacando seu papel como escritor e sua posição na sociedade da época. A partir da análise de sua obra mais influente, *The Canterbury Tales*, a pesquisa demonstra como Chaucer contribuiu para a manutenção e unificação do inglês ao adotar o inglês médio como veículo literário e incorporar diversas variantes linguísticas das diferentes camadas sociais. Por meio de uma abordagem artística única, Chaucer reforçou a identidade linguística da Inglaterra e a resiliência da língua inglesa diante das adversidades históricas.

Palavras-chave: Geoffrey Chaucer, Século XIV, Língua Inglesa, Inglês médio, Identidade linguística, *The Canterbury Tales*.

ABSTRACT

This work explores the influence of Geoffrey Chaucer on the maintenance of the English language during the 14th century. Starting with the historical context of the time, the study covers the chronology of the English language, emphasizing the linguistic influences resulting from the invasions England faced throughout the centuries. Next, it presents Chaucer's biography, highlighting his role as a writer and his position in the society of the time. Through an analysis of his masterpiece, *The Canterbury Tales*, the research demonstrates how Chaucer contributed to the maintenance and unification of English by adopting Middle English as a literary vehicle and incorporating diverse linguistic variants from different social strata. Through a unique artistic approach, Chaucer reinforced England's linguistic identity and the resilience of the English language in the face of historical adversities.

Keywords: Geoffrey Chaucer, 14th Century, English Language, Middle English, Linguistic Identity, The Canterbury Tales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: A ERA DE INVASÕES ANTES DA FORMAÇÃO DA INGLATERRA	9
A Conquista Romana	9
A Invasão Anglo-Saxã	10
A Invasão Viking	14
A Invasão Normanda	21
CAPÍTULO 2: EVENTOS MARCANTES DA IDADE MÉDIA	27
A Guerra dos Cem Anos	27
A Peste Bubônica	29
CAPÍTULO 3: A VIDA DE GEOFFREY CHAUCER	32
CAPÍTULO 4: A OBRA LITERÁRIA DE GEOFFREY CHAUCER	39
The Canterbury Tales	42
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

A história da língua inglesa é uma área de estudo fascinante que se entrelaça com as complexas transformações políticas, culturais e sociais ocorridas na Grã-Bretanha ao longo dos séculos. A língua inglesa, em sua evolução, reflete as dinâmicas sociais, as influências linguísticas e as mudanças políticas que moldaram a história da nação. No século XIV, a Inglaterra passava por um período de transição linguística marcado por uma série de eventos históricos e mudanças socioculturais. Após a Conquista Normanda de 1066, a língua inglesa foi suplantada pela influência dominante do francês normando, que se tornou a língua da corte e da elite governante. Durante vários séculos, o inglês foi relegado a um papel secundário, limitado principalmente ao uso cotidiano do povo comum. Porém, no século XIV, ocorreu um renascimento da língua inglesa como meio de expressão literária e cultural. Geoffrey Chaucer, considerado o pai da literatura inglesa, desempenhou um papel crucial na preservação e manutenção da língua inglesa. Sua obra *The Canterbury Tales*, escrita no final do século XIV, foi uma das primeiras obras literárias de grande importância a serem escritas em inglês médio, ajudando a solidificar a posição da língua como uma forma legítima de expressão artística.

Os primórdios da história linguística da Grã-Bretanha foram marcados pela presença de diferentes povos, cada um com suas próprias línguas distintas e áreas específicas de ocupação. Os celtas, que habitavam grande parte da ilha, falavam línguas celtas, enquanto os bretões se estabeleciam no sul da Grã-Bretanha. Essa rica diversidade linguística refletia a tapeçaria cultural e étnica da região, onde diferentes idiomas coexistiam e interagiam. Os druidas foram uma classe sacerdotal e intelectual dessa sociedade celta, desde o primeiro milênio a.C. até a conquista romana da Grã-Bretanha no século I d.C. Além de levar ao declínio da influência dos druidas, com muitos de seus rituais e práticas religiosas sendo proibidos pelos conquistadores romanos, marcou o início de uma longa história de conflito entre os celtas e os romanos. Embora as tentativas de Júlio César de conquistar a Grã-Bretanha tenham sido malsucedidas, os romanos eventualmente conseguiram sob o imperador Cláudio em 43 d.C. A invasão romana também teve um papel na evolução da língua, trazendo consigo o latim e introduzindo uma nova camada de influência linguística na Grã-Bretanha, embora o latim tenha deixado sua marca na língua inglesa, especialmente no vocabulário científico e religioso, as línguas celtas

continuaram a ser faladas e a exercer influência sobre o idioma local. Essa fusão linguística resultou em uma interação única entre as tradições linguísticas celtas e o latim romano, moldando a evolução do idioma falado na região. Exercendo uma influência profunda principalmente na Escócia e na Irlanda, especialmente na forma das línguas gaélicas. Essas línguas celtas se desenvolveram em paralelo à influência do latim romano e contribuíram para a diversidade linguística e cultural dessas regiões. A preservação do gaélico nessas áreas reflete a importância contínua da língua e da identidade celta nessas comunidades. E esse foi o início de uma série de invasões e batalhas que a Inglaterra sofreria ao longo dos séculos, influenciando sua cultura, costumes, e principalmente a língua inglesa.

No século V, a invasão anglo-saxã trouxe povos germânicos, como os anglos, saxões e jutos, que gradualmente estabeleceram sua hegemonia na Grã-Bretanha. O inglês antigo, uma língua germânica, emergiu como o idioma predominante, absorvendo vocabulário e estruturas linguísticas celtas, romanas e latinas. Essa fusão linguística e cultural contribuiu para a formação do inglês antigo como uma língua distintamente inglesa, mesclando elementos das diferentes influências linguísticas. As invasões viking e normanda também deixaram marcas significativas na língua inglesa. Os vikings trouxeram consigo a influência do nórdico antigo, enriquecendo o vocabulário inglês com palavras relacionadas à navegação, comércio e guerra. Essa influência viking, embora não tenha substituído o inglês antigo, contribuiu para a expansão e o enriquecimento do léxico da língua. A conquista normanda em 1066 trouxe um novo capítulo na evolução da língua inglesa. Com a dominação normanda, o francês se tornou o idioma da elite governante, estabelecendo um período de bilinguismo e uma forte influência francesa no inglês. Durante esse período, ocorreu uma intensa mistura linguística entre o francês e o inglês antigo, resultando em uma profunda influência francesa no vocabulário e nas estruturas da língua inglesa, que evoluiu para o inglês médio. A influência normanda sobre a língua inglesa era inegável. Após a conquista liderada por Guilherme, o Conquistador, o francês se tornou o idioma da elite governante, permeando todas as esferas do poder, da administração à cultura. A língua inglesa, por sua vez, foi relegada a um segundo plano, limitando-se principalmente às camadas mais baixas da sociedade.

Mas é no século XIV que encontramos Geoffrey Chaucer, que além de ter tido uma carreira política, foi uma figura literária que desempenhou um papel fundamental na preservação e promoção da língua inglesa. Em uma época em que a elite cultural era dominada pelo francês, Chaucer optou por escrever suas obras principais em

inglês médio, demonstrando uma coragem e uma visão notáveis, desafiando a predominância do francês e promovendo o uso e a valorização do idioma local. Por meio de sua obra *The Canterbury Tales*, não apenas legitimou a língua inglesa como um meio literário válido, mas também a partir de seus personagens, enriqueceu com um uso hábil de dialetos regionais e coloquialismos, refletindo a riqueza linguística da Grã-Bretanha medieval. Sua abordagem inovadora e democrática na escrita contribuiu para a consolidação da língua inglesa como um idioma de prestígio e estabeleceu as bases para o desenvolvimento da poesia e da literatura inglesas. Sua obra influenciou uma nova geração de escritores e poetas, que passaram a explorar e enriquecer o idioma inglês com sua criatividade e expressão artística. Além do impacto literário, o ressurgimento do inglês no século XIV também foi impulsionado por fatores sociais e políticos. A Guerra dos Cem Anos entre Inglaterra e França contribuiu para a reafirmação da identidade inglesa e para a valorização da língua nativa. O uso do inglês nas cortes e na administração governamental gradualmente aumentou, à medida que a identidade nacional e a importância da língua inglesa ganhavam destaque.

Ao explorar a vida e a obra de Geoffrey Chaucer, esta monografia busca examinar a importância de sua contribuição para a manutenção e promoção da língua inglesa no século XIV. Serão analisadas suas escolhas linguísticas, o impacto de suas obras na cultura e sociedade da época, bem como seu legado como pioneiro na literatura inglesa. A partir de contextualização histórica e biográfica, espera-se compreender como a figura de Geoffrey Chaucer desempenhou um papel fundamental na manutenção e resgate da língua inglesa em um período de transição e de intensa influência estrangeira. O trabalho também busca destacar a importância da literatura como um veículo de preservação da identidade linguística e cultural de um povo, fornecendo um contexto para a compreensão da evolução da língua e da literatura inglesa como um todo. Demonstrando que apesar dessas influências externas, a língua inglesa resistiu e evoluiu ao longo do tempo, passando por um processo contínuo de transformação e evolução, absorvendo influências de diferentes povos e línguas. Através desse processo de fusão e interação, a língua inglesa emergiu como uma língua distinta, enraizada na diversidade cultural e linguística da Grã-Bretanha, e continuou a se desenvolver como uma língua globalmente reconhecida e amplamente falada.

O presente trabalho tem como objetivo oferecer uma análise detalhada sobre as influências históricas e literárias que moldaram a Inglaterra e a influência de

Geoffrey Chaucer e sua obra para a língua inglesa. A estruturação do trabalho segue uma abordagem cronológica e temática, a fim de proporcionar uma melhor compreensão dos eventos históricos e da importância de Chaucer para a literatura inglesa.

O capítulo 1 foca nas principais invasões que impactaram a região que viria a ser conhecida como Inglaterra. Os subcapítulos se dedicam a discutir e explorar detalhadamente quatro invasões significativas: Romana, Anglo-Saxã, Viking e Normanda. Cada invasão é analisada em sua própria seção, abordando os eventos históricos que as caracterizaram, seus efeitos na cultura e sociedade da época, bem como suas influências na formação da identidade inglesa.

Já o capítulo 2 aborda outros eventos históricos que desempenharam um papel fundamental na Idade Média na Inglaterra. Especificamente, a Guerra dos Cem Anos e a Peste Bubônica são destacadas como acontecimentos de grande impacto na sociedade, economia e nas artes. Ressaltando suas consequências, e não só como eles moldaram o cenário histórico e cultural da época, mas principalmente sua influência na língua.

O capítulo 3 se dedica a uma exploração de detalhes importantes da vida e carreira de Geoffrey Chaucer. Aspectos biográficos relevantes são apresentados, como sua formação educacional, atividades profissionais em diferentes papéis da sociedade da época, envolvimento em questões políticas e cargos que ocupou. A análise desses aspectos permite entender o contexto pessoal de Chaucer e como isso pode ter influenciado sua obra literária.

No capítulo 4, a atenção é voltada para a principal obra de Chaucer, *The Canterbury Tales*. São discutidos os aspectos da obra, incluindo sua estrutura narrativa, personagens icônicos, temas explorados, estilos literários empregados e influências de outras obras literárias da época. A relevância da obra na literatura inglesa é destacada, enfatizando suas inovações e seu papel como uma obra precursora da literatura vernacular.

CAPÍTULO 1: A ERA DE INVASÕES ANTES DA FORMAÇÃO DA INGLATERRA

A Conquista Romana

A invasão romana da Grã-Bretanha, ocorreu durante o século I d.C., esse período foi marcado por uma série de campanhas militares romanas para conquistar a ilha da Britânia, que estava dividida em várias tribos celtas. Foi liderada pelo imperador Cláudio, que enviou um exército para a Grã-Bretanha em 43 d.C. As forças romanas enfrentaram resistência dos britânicos, que lutaram bravamente para proteger suas terras e sua cultura. A conquista levou várias décadas, e os romanos tiveram que lidar com várias rebeliões ao longo do caminho.

A Grã-Bretanha foi uma importante província romana e uma das últimas a ser conquistada pelos romanos, durante a ocupação, os romanos construíram fortalezas, estradas e outras infraestruturas que ajudaram a integrar a ilha à economia e cultura romanas. No entanto, a presença romana não foi imune aos desafios, a província enfrentou a ameaça constante de invasões bárbaras e de rebeliões internas. Um costume introduzido pelos romanos foi a ideia de viver na cidade, o que influenciou a criação de metrópoles, assim como implementaram a administração civil, militarização e o comércio.

A religião romana também se tornou comum, com muitos templos construídos em toda a ilha. Também teve um impacto duradouro na língua inglesa, embora a língua celta tenha sido falada pelos britânicos antes da invasão, o latim se tornou a língua dominante durante o período romano. Muitas palavras em inglês têm origem no latim, incluindo termos usados em medicina, direito e religião. Já em 324 a.C. o cristianismo se tornou a religião oficial, porém com a queda do império romano e retirada das tropas, deu espaço para que a influência germânica chegasse à ilha. A Grã-Bretanha permaneceu como província romana por 3 séculos, suas tropas foram retiradas em 407 d.C. quando retornaram para defender o império e perderam o controle sobre a Grã-Bretanha em 410 d.C.

A Invasão Anglo-Saxã

The Anglo-Saxon Chronicle relata o desembarque dos povos germânicos em Ebbsfleet (baía de Pegwell, perto de Ramsgate, Kent) em 449 d.C. A quinta nação, liderada pelos comandantes irmãos Hengist e Horsa, havia chegado:

449 d.C. Neste ano, Marciano e Valentiniano assumiram o império e reinaram por sete invernos. Em seus dias, Hengest e Horsa, convidados por Wurtgern, rei dos celtas, para ajudá-lo, desembarcaram na Grã-Bretanha em um lugar chamado Ipwinesfleet; inicialmente para apoiar os celtas, mas depois lutaram contra eles. O rei os instruiu a lutar contra os pictos, e assim fizeram, obtendo vitórias aonde quer que fossem. Em seguida, enviaram uma mensagem aos anglos, pedindo-lhes que enviassem mais auxílio. Descreveram a inutilidade dos celtas e a riqueza da terra. Os anglos então enviaram um apoio maior. Em seguida, vieram homens de três tribos da Alemanha: os Saxões Antigos, os Anglos e os Jutos. Dos Jutos descendem os homens de Kent, os habitantes de Wight (ou seja, a tribo que agora habita na Ilha de Wight) e a linhagem em Wessex que ainda é chamada de linhagem dos Jutos. Dos Saxões Antigos vieram o povo de Essex, Sussex e Wessex. De Anglia, que permaneceu deserta desde então entre os Jutos e os Saxões, vieram os Anglos Orientais, os Anglos Médios, os Mércios e todos aqueles ao norte do Humber. Seus líderes eram dois irmãos, Hengest e Horsa, filhos de Wihtgils; Wihtgils era filho de Witta, Witta de Wecta e Wecta de Woden. De Woden surgiram todas as nossas linhagens reais e também a dos sul-humbrianos.” (KING ALFRED, 1912, pp.23)

O período pós-romano na Grã-Bretanha é conhecido como período anglo-saxão ou período sub-romano, que durou do século V ao século VIII. No início do século V, as províncias romanas começaram a ser invadidas pelos bárbaros germânicos, incluindo tribos como os saxões, anglos e jutos (povos advindos de regiões que hoje são Alemanha, Dinamarca e Holanda), que também invadiram a Grã-Bretanha por volta de 410 d.C. Essas tribos, conhecidas por serem guerreiras e violentas, impuseram sua autoridade sobre as tribos celtas nativas da Grã-Bretanha, e os romanos gradualmente se retiraram da Grã-Bretanha durante o século V, após décadas de batalhas. Essa retirada deixou a ilha vulnerável às invasões bárbaras e com um vácuo de poder preenchido pelos guerreiros saxões, anglos e jutos, que estabeleceram vários reinos, como Mercia e Northumbria. Os historiadores distinguem entre os grupos Saxões Leste, Oeste e Sul, refletidos nos antigos nomes de Essex, Wessex e Sussex (CRYSTAL, 2018, pg. 7). Após o século V as bases foram lançadas para o desenvolvimento da língua inglesa. Essas tribos trouxeram sua própria língua, cultura e religião para a Grã-Bretanha, e a língua falada pelos anglo-saxões evoluiu ao longo do tempo para se tornar o inglês antigo. O período anglo-saxão foi caracterizado por uma sociedade estratificada em classes sociais, produção literária em inglês antigo e unificação dos reinos anglo-saxões em um único país. Esses povos falavam línguas germânicas e trouxeram consigo sua própria cultura e religião, enquanto a cultura celta da Grã-Bretanha entrou em declínio e muitos aspectos da vida celta foram perdidos. A religião também mudou com a chegada dos anglos,

saxões e jutos, e o cristianismo, que havia sido introduzido pelos romanos, começou a perder terreno para o paganismo germânico.

Segundo David Crystal (2004), quando os invasores chegaram à Inglaterra, eles não trouxeram consigo três dialetos germânicos "puros" - anglo, saxão e juto -, mas uma ampla variedade de variedades faladas, exibindo diferentes tipos de influência mútua.

A língua falada pelos anglo-saxões era uma forma de germânico antigo que evoluiu ao longo do tempo e deu origem ao inglês antigo. Essa língua era muito diferente do latim, que havia sido a língua oficial dos romanos, e sua difusão foi um dos principais fatores que levaram à separação entre a Grã-Bretanha e o continente europeu. A escrita também mudou, passando de uma forma de escrita romana para uma escrita rúnica mais adequada à língua falada pelos anglo-saxões. Essa influência também se estendeu para a gramática do inglês, como a introdução de verbos regulares e irregulares, e a pronúncia, com a introdução de novos sons e entonações. Muitas palavras em inglês têm origem no inglês antigo, como *king* (rei), *wife* (esposa), *house* (casa), *bread* (pão) e *water* (água).

Com pouco respeito pelas prioridades, os invasores germânicos chamavam os celtas nativos de *wealas* ('estrangeiros'), do qual o nome Welsh é derivado. Os celtas chamavam os invasores de 'saxões', independentemente de sua tribo, e essa prática foi seguida pelos primeiros escritores latinos. No final do século VI, no entanto, o termo *Angli* ('Anglos') estava em uso - tão cedo quanto 601, um rei de Kent, Æthelbert, é chamado de *Rex Anglorum* ('Rei dos Anglos') - e durante o século VII, *Angli* ou *Anglia* (para o país) se tornaram os nomes latinos usuais. O inglês antigo Engle deriva desse uso, e o nome da língua encontrado em textos em inglês antigo é referido desde o início como *Englisc* (a grafia sc representando o som sh, /ʃ/). Referências ao nome do país como *Englaland* ('terra dos Anglos'), do qual surgiu a Inglaterra, não aparecem até cerca de 1000. (CRYSTAL, 2018, pg. 7).

A sociedade Anglo-saxã era estratificada em classes sociais. Eram predominantemente agricultores e criadores de gado, mas também eram habilidosos em outras atividades, como tecelagem, metalurgia e navegação, e seus líderes tribais, conhecidos como reis, eram os governantes dos vários reinos anglo-saxões e exerciam grande poder político e militar. Abaixo dos reis estavam os nobres, que formavam a aristocracia e possuíam abundância de terra e riqueza. Os camponeses e servos compunham a maioria da população e trabalhavam nas terras dos nobres em troca de proteção e segurança. A escravidão também era comum na sociedade anglo-saxã, e muitos escravos eram capturados durante as guerras entre as tribos.

O inglês antigo era escrito em runas, seu alfabeto era constituído por vinte e quatro letras e se chamava 'futhorc', suas primeiras seis letras, significando não somente sons, como também palavras. Restaram poucos poemas escritos em runas, o que mais existiam eram escrituras em objetos pessoais e estátuas. A partir de 597 d.C., com a chegada de Augustinho comandando os missionários romanos que a produção literária começou a se desenvolver em latim, nos novos e crescentes mosteiros que eram construídos na ilha britânica. Tal produção influenciou a escrita de glossários e poemas em inglês antigo, utilizando o alfabeto latino. (CRYSTAL, 2018, pg. 9).

Com o passar do tempo, os reinos anglo-saxões começaram a se unir em um único país. A língua e a cultura anglo-saxãs rapidamente se espalharam pela região, enquanto os celtas remanescentes continuaram a falar suas próprias línguas. A religião predominante era o cristianismo, introduzido pelos missionários cristãos que chegaram à ilha no final do século VI. Durante esse período, a Grã-Bretanha experimentou um renascimento cultural, especialmente na literatura, arte e arquitetura, que foram influenciados pela tradição celta e germânica. Houve também uma grande produção literária em inglês antigo. O poema épico *Beowulf*, é um exemplo famoso da literatura da época, sendo uma das maiores realizações da literatura medieval. Além disso, houve uma grande produção de manuscritos religiosos, como a *Bíblia de Canterbury*, que foi escrita em inglês antigo e é considerada um dos manuscritos mais antigos em inglês. A arquitetura também foi influenciada pelo estilo germânico, como evidenciado pelas construções em pedra da época.

O poema épico *Beowulf*, foi escrito em inglês antigo, provavelmente composto no final do primeiro milênio. Segundo Tolkien (1997), *Beowulf* é amplamente reconhecido como um documento histórico de grande importância para o estudo do

humor e do pensamento do período em que foi escrito. No entanto, pode ser subutilizado pelos historiadores declarados para esse propósito. A obra é admirada por sua habilidade em descrever detalhadamente personagens, lugares e eventos, além de sua utilização complexa de recursos literários, como a aliteração e as metáforas. Esses elementos contribuem para a riqueza e a profundidade do poema, oferecendo insights valiosos sobre a cultura e a sociedade da época. *Beowulf* foi transmitido por tradição oral por séculos antes de ser finalmente registrado em manuscrito. O manuscrito mais antigo existente do poema é conhecido como o *Códice de Nowell* e data do século XI. O poema é ambientado na Escandinávia, no século VI, e conta a história do herói Beowulf, que viaja para a Dinamarca para ajudar o rei Hrothgar a derrotar um monstro chamado Grendel.

O poema é notavelmente conhecido por sua narrativa épica, caracterizada por sua linguagem grandiosa e imponente, seu foco em grandes eventos e ações heroicas e sua visão trágica da vida. Além disso, o poema apresenta uma variedade de temas, incluindo honra, coragem, traição e vingança, bem como a importância da linhagem e do status social. Apresenta também uma série de personagens memoráveis, incluindo o próprio Beowulf, Hrothgar, Grendel e sua mãe, bem como uma série de guerreiros escandinavos. Tem ênfase na força física e habilidade no campo de batalha, bem como descrição realista e detalhada da vida na Escandinávia no século VI. Em termos de estilo literário, o poema faz uso extensivo de aliteração, esta consiste na repetição de sons consonantais no início de palavras ou sílabas próximas, criando um efeito sonoro marcante. Essa técnica literária é uma característica distintiva da poesia anglo-saxã e contribui para o ritmo e musicalidade do texto. A poesia em inglês antigo é chamada de aliterativa. Isso é um equívoco em dois aspectos. A aliteração, embora importante, não é fundamental (TOLKIEN, 1997). "*The coldest of storms, glooming night, a wind from the north came with cruel onslaught against us; rough were the waves.*" (445-447) Essas palavras e frases demonstram a repetição de sons consonantais, como "c," "g," "n" e "r", que criam um efeito aliterativo no verso. E em: "*No man, friend nor foe, could dissuade you two from that venture fraught with woe, when with limbs ye rowed the sea*" (414-416). Nesse verso, a aliteração é utilizada com a repetição do som "w" em *woe* e *when*, e do som "r" em *rowed*.

O poema também apresenta inúmeros *kennings* (metáforas) e imagens poéticas, o que o torna um dos melhores exemplos da poesia anglo-saxã e suas características linguísticas e históricas. Por exemplo: o Sol, vira *woruldacandel*, "vela do mundo"; *swanrad*, "caminho do cisne" (Reinaldo José Lopes/Folhapress, 2023).

“7–8 *over the sea where the whale rides*; *10 *ofer hronráde*.” *Hronráde* é *kenning* para “mar,” como explica Tolkien (2014):

Vários dos *kennings* do mar referem-se ao mar como o lugar onde as aves marinhas ou animais mergulham, ou viajam. Assim como “*ganotes bæþ*” (que significa “o lugar onde a ave-gaivota mergulha, como um homem nadando”); ou “*hwælweg*” (“o lugar onde as baleias fazem suas jornadas” como cavalos, homens ou carroças atravessam as planícies da terra); ou os “caminhos das focas” (*seolhpapu*) ou “banhos das focas” (*seolhbapu*). (TOLKIEN, 2014, pp.141-142)

A citação apresenta um aspecto fascinante da linguagem poética utilizada nas antigas sagas nórdicas. Os *kennings* são figuras de linguagem poéticas compostas por duas ou mais palavras que são usadas para substituir um único substantivo com o objetivo de criar uma expressão mais vívida e poética. Nesse contexto, os *kennings* do mar retratam o mar não apenas como um corpo d'água, mas como um lugar vivo e repleto de movimento, onde as aves marinhas e animais mergulham e viajam. Cada *kenning* fornece uma visão única e metafórica da natureza e suas interações com as criaturas que o habitam.

A invasão anglo-saxã foi um momento histórico crucial na formação da Inglaterra, quando tribos germânicas migraram e se estabeleceram na ilha, trazendo sua língua, cultura e costumes. Essa era de migração e conquista moldou profundamente a sociedade inglesa, contribuindo para a criação de uma identidade cultural única.

Tal influência também teve um importante papel na literatura inglesa. Com a chegada das tribos germânicas, o inglês antigo surgiu como uma forma de comunicação e expressão literária, afastando-se gradualmente do latim como língua dominante na época. Os anglo-saxões trouxeram consigo uma tradição oral rica, com histórias épicas e poesia lírica que foram transmitidas de geração em geração. Os poemas épicos, como *Beowulf*, são exemplos emblemáticos da literatura anglo-saxã, com suas narrativas de heroísmo, coragem e valores culturais. Essas obras influenciaram a criação de outras produções literárias posteriores, continuando a inspirar escritores ao longo dos séculos.

A Invasão Viking

A invasão viking na Grã-Bretanha ocorreu entre os séculos VIII e XI, um período em que a Europa estava passando por mudanças significativas. Durante esse período,

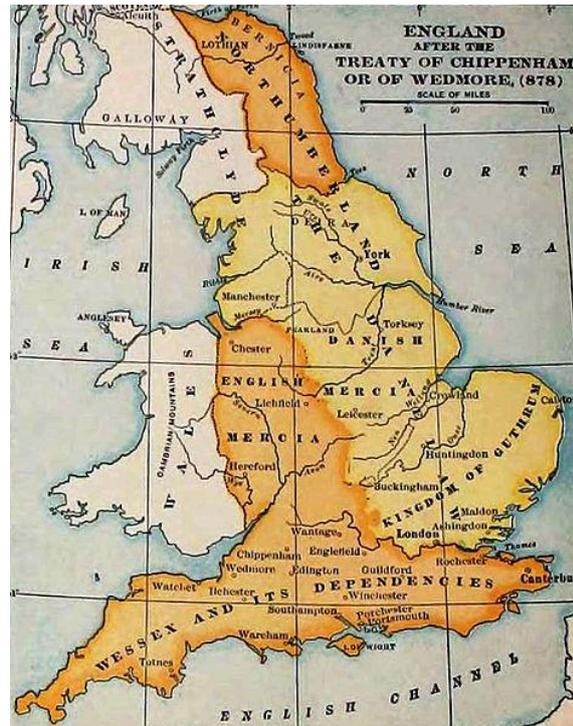
o Império Romano havia se desintegrado e a Europa Ocidental estava se dividindo em vários reinos menores. A invasão viking foi um dos eventos mais significativos desse período, tendo um impacto profundo na história da Grã-Bretanha e da Europa e acarretando ainda mais mudanças.

Os vikings eram povos nórdicos que habitavam a região da Escandinávia, incluindo a Dinamarca, a Noruega e a Suécia. A invasão viking na Grã-Bretanha começou no final do século VIII, quando os vikings começaram a realizar ataques em pequena escala ao longo da costa leste da Inglaterra, especialmente na região de Northumbria. Essa área foi particularmente afetada pelas incursões vikings, que buscavam riquezas e territórios para conquistar.

Do século VIII ao XI, os escandinavos, principalmente dinamarqueses e noruegueses, figuram proeminentemente na história da Europa Ocidental como saqueadores, conquistadores e colonizadores. Eles saquearam extensivamente nas Ilhas Britânicas e no império franco, e até mesmo atacaram a Península Ibérica e o norte da África. No século IX, eles ganharam o controle das Ilhas Orkney, Shetland e da maioria das Hébridas, conquistaram uma grande parte da Inglaterra e estabeleceram bases na costa irlandesa, de onde lançaram ataques dentro da Irlanda e através do Mar da Irlanda. Homens e mulheres do oeste da Escandinávia emigraram para se estabelecer, não apenas nas partes das Ilhas Britânicas que estavam sob controle escandinavo na época, mas também nas Ilhas Faroé e na Islândia, ilhas atlânticas que antes eram desabitadas. Nos últimos anos do século X, eles também começaram a colonizar a Groenlândia e exploraram a América do Norte, mas sem estabelecer assentamentos permanentes lá. O ataque escandinavo à Europa Ocidental culminou no início do século XI com a conquista dinamarquesa do reino inglês, uma conquista que outros reis escandinavos tentaram repetir mais tarde no século, mas sem sucesso. (SAWER, 1997, p.1)

Os ataques vikings em Northumbria se intensificaram ao longo do tempo, resultando em conflitos violentos e na criação de assentamentos vikings permanentes, conhecidos como "Danelaw". Devido à sua localização geográfica da região e proximidade com os territórios vikings na Escandinávia, tornou-se uma das principais áreas de invasão e estabelecimento viking durante esse período histórico. No início, os ataques eram realizados por pequenos grupos de guerreiros, mas logo se transformaram em invasões em larga escala com milhares de homens. Eles conseguiram se estabelecer na Grã-Bretanha, fundando diversos assentamentos em todo o país. Eles também conquistaram grandes áreas da Inglaterra, incluindo partes da Nortúmbria, Mércia e Ânglia Oriental, além de invadirem e conquistarem partes da Escócia e da Irlanda.

Figura 1: Mapa da Inglaterra e do País de Gales - Treaty of Chippenham (AD 878).



Fonte: *The Atlas of European History* (2011)

A invasão não foi apenas um conflito militar, mas também teve implicações políticas e sociais significativas. A presença dos vikings na Grã-Bretanha teve um impacto significativo na estrutura política do país, resultando em mudanças que levaram à fusão de vários reinos menores em um único país. Esses eventos históricos são amplamente documentados por estudiosos e historiadores. Durante o período viking, a Grã-Bretanha foi alvo de invasões e ataques por parte dos vikings provenientes da Escandinávia. Essas incursões ocorreram ao longo de várias décadas, com episódios marcantes, como o saque do mosteiro de Lindisfarne em 793. Os vikings, com suas habilidades marítimas superiores e táticas de guerra eficazes, conseguiram conquistar e controlar áreas-chave da Grã-Bretanha.

Uma das consequências políticas dessas invasões foi a desestabilização dos reinos existentes. Segundo Peter Sawyer (1997), os vikings estabeleceram assentamentos e reinos próprios, como o Danelaw, no nordeste da Inglaterra. Isso levou a uma fragmentação política, com vários reinos menores coexistindo na mesma região. No entanto, ao longo do tempo, esses reinos menores gradualmente se fundiram em um único país.

Um exemplo notável desse processo é a unificação do reino anglo-saxão de Wessex com os reinos vizinhos. O rei Alfred, também conhecido como Alfred, o Grande, desempenhou um papel crucial nesse processo. Ele liderou a resistência

contra os vikings e conseguiu recuperar territórios perdidos. Após sua morte, seu sucessor, Edward, o Velho, continuou o processo de unificação, consolidando os reinos anglo-saxões em uma única entidade política conhecida como Inglaterra.

Os motivos para a invasão viking foram variados e complexos, mas geralmente relacionados a fatores econômicos, políticos e sociais. A pressão demográfica, a busca por riquezas, as lutas internas na Escandinávia, as dificuldades climáticas e o espírito aventureiro foram todos fatores que contribuíram para as invasões vikings.

A Grã-Bretanha era rica em recursos naturais e produtos manufaturados, e as incursões vikings em busca de tesouros e saques eram comuns. Muitos vikings viam a invasão como uma oportunidade de enriquecer rapidamente, mas a busca por riquezas não foi o único motivo da invasão. A Escandinávia era uma região superpovoada na época, com poucas oportunidades econômicas para os jovens que não herdavam terras ou posições sociais. Isso pode ter levado muitos vikings a buscar novas terras e oportunidades em outros lugares, como a Grã-Bretanha, portanto a pressão demográfica também influenciou. E sendo uma região fragmentada politicamente, a Escandinávia possuía vários reinos em constante disputa. A invasão pode ter sido vista como uma oportunidade de estabelecer novas bases de poder fora da Escandinávia, além de seu país de origem estar enfrentando mudanças climáticas, com temperaturas mais baixas e menos chuvas, afetando a agricultura e outras atividades econômicas, acarretando a busca de novas terras para cultivar e explorar.

A influência viking na cultura britânica e na língua inglesa foi significativa e pode ser vista em vários aspectos. Durante a invasão na Grã-Bretanha, os vikings trouxeram sua própria cultura e tradições, que acabaram se misturando com a cultura e tradições locais. Uma das maiores influências vikings na cultura britânica foi a religião nórdica, adotada por muitos dos reinos vikings fundados na Inglaterra, como o Reino de Jórdvik. Embora o cristianismo tenha eventualmente se tornado a religião dominante na Inglaterra, a influência viking pode ser vista em muitos nomes de lugares e de pessoas, com origens na mitologia nórdica.

Além disso, a cultura material dos vikings também influenciou a cultura britânica. A arte viking, como as joias, as roupas e as armas, eram altamente valorizadas e muitas vezes trocadas ou saqueadas pelos anglo-saxões, muitos artefatos vikings foram encontrados em todo o país e são agora exibidos em museus e galerias de arte. Também influenciaram e acrescentaram bastante à língua inglesa, eles falavam uma língua escandinava que evoluiu para o nórdico antigo, que tinha muitas semelhanças com o inglês antigo. Quando os vikings se estabeleceram na

Inglaterra, a língua deles se misturou com a língua dos anglo-saxões, criando uma nova forma de inglês que ficou conhecida como inglês antigo nórdico. Algumas palavras da língua inglesa moderna têm origens na língua nórdica antiga, como "sky" (céu), "knife" (faca), "window" (janela), "egg" (ovo), entre outras. E muitos nomes de lugares na Inglaterra têm raízes nórdicas, como York, Nottingham, Derby, além do sufixo -son (filho), que na cultura viking era tradição colocar o nome do pai com o sufixo -son nos filhos, como Sigurdsson, Robinson, Pattinson, e muitos outros que se tornaram sobrenomes comuns na Inglaterra.

A invasão viking teve uma grande influência na literatura inglesa, tanto na poesia anglo-saxã quanto nas sagas nórdicas. A poesia anglo-saxã, que floresceu na Inglaterra antes da invasão, foi fortemente influenciada pelas histórias e lendas nórdicas que os vikings trouxeram consigo, suas próprias histórias, lendas e mitos da Escandinávia. O estilo poético dos vikings influenciou a poesia anglo-saxã, incorporando nesta temas e personagens nórdicos. *Beowulf*, por exemplo, apresenta monstros, dragões e heróis nórdicos que lutam batalhas épicas. Elementos de linguagem e estilo poético também foram adotados, como a aliteração e a rima.

As sagas nórdicas, que eram histórias em prosa sobre as aventuras dos vikings, também tiveram uma influência significativa na literatura inglesa. Elas eram frequentemente contadas em forma de poesia, mas também eram escritas em prosa. Eram histórias que muitas vezes apresentavam personagens heroicos e lendários, como o lendário guerreiro Ragnar Lothbrok, que inspirou várias obras de literatura inglesa, incluindo a série de TV "Vikings". Ademais, a invasão viking trouxe uma rica tradição de história e poesia da Escandinávia para a Inglaterra, as sagas nórdicas, como a *Saga dos Islandeses*, *Saga de Egil Skallagrímsson* e *Saga dos Volsungs*, se tornaram muito populares na Inglaterra. Através dessas histórias, a literatura inglesa ganhou uma riqueza de personagens, temas e histórias que influenciariam a literatura inglesa por séculos.

Durante a invasão viking na Grã-Bretanha, houve muitas batalhas significativas. Segundo Peter Sawyer (1997), a principal delas foi a Batalha de Lindisfarne, ocorrida em 793, considerada o início da invasão viking na Grã-Bretanha. Lindisfarne era um mosteiro localizado na ilha de Lindisfarne, no nordeste da Inglaterra, e era um centro de aprendizagem e cultura anglo-saxã.

No livro *The Viking World* (2011), Philip Line menciona que, na manhã de 8 de junho de 793, um grupo de guerreiros vikings apareceu nas praias de Lindisfarne, após navegar pelo Mar do Norte em seus navios em busca de tesouros e saques. Os

monges de Lindisfarne foram pegos de surpresa pelo ataque, muitos foram mortos e o mosteiro foi saqueado, com seus tesouros e manuscritos levados pelos vikings.

A Batalha de Lindisfarne chocou a Inglaterra, pois ataques em terras sagradas eram considerados inaceitáveis na cultura cristã da época. A notícia do ataque se espalhou rapidamente pelo país e pela Europa, gerando medo e preocupação. Embora não tenha sido uma batalha no sentido tradicional, ela marcou o início da invasão viking na Grã-Bretanha e o começo de um período de conflitos entre vikings e anglo-saxões. *The Anglo-Saxon Chronicles* não mencionam invasões até 835. (PETER SAWER, 1997, pp.3)

Em relação à Batalha de York, ocorrida em 866, Philip Line (2011) destaca que os vikings fundaram vários reinos nórdicos na Grã-Bretanha, incluindo o Reino de Jórvik, que dominou o norte da Inglaterra por mais de um século. Essa batalha foi liderada por Ivar, o Desossado.

Após um ano de estadia em York, o Grande Exército Pagão retornou a East Anglia no outono de 869. Atravessando o território de Mércia, eles atravessaram os pântanos por uma estrada romana e marcharam ao sul até chegarem a Thetford, onde estabeleceram seu acampamento de inverno. As negociações pacíficas que marcaram sua estadia em 865/866 deram lugar ao fogo e à espada: "e eles destruíram todos os mosteiros que encontraram. Nesse mesmo período, eles chegaram a Medeshamstede (Peterborough), incendiaram e destruíram, mataram o abade, os monges e todos que encontraram lá, e fizeram com que se tornasse nada o que havia sido muito poderoso." Surpreendido, o rei Edmund foi morto e o reino foi subjugado. Se Edmund morreu em batalha, como sugere a Crônica Anglo-Saxônica, ou como um cativo martirizado, não está claro, embora a rápida disseminação do culto a seu santo no domínio dinamarquês de East Anglia apoie a última hipótese. (ABELS, 1998, pp. 124-125)

O trecho citado descreve um importante evento histórico durante a época das invasões vikings na Inglaterra. O Grande Exército Pagão, um exército viking que invadiu e conquistou várias regiões da Inglaterra, retornou a East Anglia após um ano de estadia em York. A descrição detalhada do percurso que fizeram através do território de Mércia, sua chegada a Thetford e a subsequente destruição de mosteiros e confronto com o rei Edmund, revela a brutalidade e a violência das invasões vikings na época.

Segundo Abels, a conquista de East Anglia foi a última vitória de Ivar na Inglaterra. Em menos de um ano, ele desapareceu dos registros, possivelmente retornando à Irlanda para retomar seu domínio entre os vikings de Dublin.

A Batalha de Edington, ocorrida em 878, foi um marco na história da Inglaterra, com o rei anglo-saxão Alfred, o Grande, liderando as tropas. Conforme ressaltado por Richard Abels (1998), esse confronto teve uma importância significativa, pois envolveu a corajosa resistência de Alfred contra as forças vikings lideradas por Guthrum. A

vitória de Alfred em Edington representou um ponto de virada crucial na luta dos anglo-saxões contra a invasão viking, fortalecendo a resistência e lançando as bases para o posterior estabelecimento do Reino da Inglaterra.

Alfred, diante dos desafios representados pelos vikings, reconheceu a importância de abordagens estratégicas além do combate militar direto. Ele implementou uma série de acordos com os líderes vikings, estabelecendo fronteiras e um sistema de tributos. Embora as incursões vikings tenham impactado negativamente o comércio marítimo, paradoxalmente, elas aumentaram a demanda por moedas. Os reis, incluindo Alfred, precisavam levantar dinheiro para subornar os invasores, o que resultou em algumas pessoas sendo forçadas a vender terras para atender às demandas do rei. Assim, Alfred adotou uma abordagem estratégica que envolvia não apenas a proteção do reino, mas também a administração financeira e o equilíbrio de interesses para enfrentar os desafios impostos pelos vikings. (RICHARD ABELS, 1998, pp.209)

O primeiro acordo foi feito em 878, conhecido como o Tratado de Alfred e Guthrum, estabelecendo a fronteira entre o Reino de Wessex e o território controlado pelos vikings. Esse acordo permitiu que os vikings se estabelecessem na Inglaterra como um povo livre, desde que pagassem tributo ao rei Alfred. Além de entregarem reféns e prometerem sair do reino de Alfred, os vikings também lhe disseram que seu rei receberia o batismo. E eles agiram de acordo; pois, no decorrer de três semanas, o Rei Guthrum, acompanhado de cerca de trinta dos homens mais dignos do exército, veio até ele em Aller, próximo a Athelney, e ali o rei tornou-se seu padrinho no batismo; e sua falsidade carmesim ocorreu em Wedmore.

Richard Abels (1998, p. 17) discorre sobre como o rei Alfred, o Grande é descrito nas Crônicas Anglo-Saxãs:

A narrativa é construída para colocar Alfred na melhor luz possível. Esta seção da Crônica atinge o clímax no elaborado anual para o ano de 878, que leva o leitor desde o desespero da fuga de Alfred para a fortaleza nos pântanos de Somerset até seu triunfo em Edington e seus frutos, a conversão e batismo do Rei Dinamarquês Guthrum e seus principais homens em Aller e Wedmore. As entradas para a década de 880, com exceção do anual crítico de 886 que relata a reocupação de Londres por Alfred, são como um desfecho; elas lidam principalmente com os movimentos dos exércitos vikings no continente, aparentemente com o conhecimento de que os vikings voltariam para a Inglaterra em 892.

Outros acordos foram feitos com outros líderes vikings, incluindo os Tratados de Wedmore (878) e de Eddington (886). Segundo Rev. James Ingram (1823) em sua tradução das Crônicas Anglo-Saxãs, esses tratados estabeleceram as fronteiras de Wessex com os territórios vikings da Mércia e da Ânglia Oriental.

A.D. 878. Neste ano, por volta do meio do inverno, após a noite de Reis, o exército dinamarquês se infiltrou em Chippenham e percorreu a terra dos Saxões Ocidentais; onde se estabeleceram e expulsaram muitas pessoas para além-mar; e daqueles que restaram, a maioria foi subjugada e obrigada a se render à vontade deles -- EXCETO ALFRED, O REI.
(KING ALFRED, 1912, p. 60)

Alfred também foi responsável por criar uma força militar altamente organizada, conhecida como Fyrd, que permitia a mobilização rápida das forças armadas em caso de invasão viking. Conforme mencionado por Richard Abels (1998), ele reconstruiu e fortificou várias cidades e aldeias, incluindo Londres, para garantir proteção contra os ataques vikings.

A presença viking na Inglaterra teve um impacto significativo no desenvolvimento da língua inglesa, os vikings introduziram muitas palavras nórdicas no inglês antigo, contribuindo para o desenvolvimento de uma nova forma de inglês, conhecida como inglês médio. Alfred é lembrado como um grande estadista que conseguiu unir seu povo em tempos difíceis e negociou acordos que permitiram a sobrevivência de seu reino. Seu legado continua a ser sentido na Inglaterra até hoje, e ele é lembrado como um dos maiores reis da história inglesa.

A Invasão Normanda

Em 1066, Guilherme, o Conquistador, invadiu a Inglaterra com um exército normando e conquistou o país na batalha de Hastings. A conquista normanda levou a uma mistura de línguas e culturas, e o inglês antigo evoluiu para o inglês médio. Após a conquista normanda, o francês se tornou a língua oficial do governo, da corte e da elite dominante. Os normandos, que eram de origem francesa, estabeleceram seu domínio sobre os anglo-saxões locais e impuseram sua língua e cultura. Como resultado, o francês se tornou a língua predominante nas esferas de poder e nas classes sociais mais altas. Essa mudança no status linguístico levou a uma divisão social e linguística na sociedade inglesa da época. A aristocracia e a nobreza, que eram compostas principalmente por normandos ou anglo-normandos, falavam francês e consideravam essa língua como símbolo de status e prestígio. Por outro lado, o inglês era falado principalmente pela população mais pobre e pela classe trabalhadora. Já a situação do latim era diferente, apesar de também ser uma língua falada principalmente pelo clero e poetas, todos os que sabiam latim também falavam pelo menos mais um idioma, e no período pós-Conquista, às vezes dois (francês e inglês). Por ser a língua dos livros, o latim também introduz outra forma de contato

linguístico: aquela entre um indivíduo e um texto escrito em uma língua estrangeira (MUGGLESTONE, 2015).

Embora o inglês não tenha sido excluído completamente da sociedade, ele foi marginalizado nas esferas de poder e influência por mais de dois anos. A predominância do francês e a segregação linguística resultante contribuíram para uma divisão social baseada no uso da língua, com o inglês associado principalmente aos mais pobres. É importante observar que, ao longo do tempo, o inglês começou a se recuperar e ressurgir como uma língua de prestígio à medida que as influências normandas diminuía. Essa transição gradual levou ao desenvolvimento do inglês médio, uma fase intermediária na evolução da língua inglesa, que foi moldada por elementos do inglês antigo e do francês normando.

O período após a conquista normanda é conhecido como período medieval e durou do século XI ao século XV. De acordo com Mark Morris (2012), a invasão normanda foi motivada pela disputa pelo trono inglês após a morte de Edward, o Confessor, em janeiro de 1066. Edward era um rei anglo-saxão que não deixou um herdeiro direto ao trono, levando a uma luta pelo poder entre Harold Godwinson, o rei anglo-saxão, e Guilherme, o Conquistador, duque da Normandia.

Harold foi nomeado rei por um conselho de nobres anglo-saxões, apesar das reivindicações de Guilherme ao trono. Segundo Frank Barlow (1997), Guilherme liderou uma invasão da Inglaterra, desembarcando na costa sul em setembro de 1066. Harold marchou com seu exército para enfrentar Guilherme, e a batalha decisiva ocorreu em outubro daquele ano, resultando na morte de Haroldo. Guilherme foi coroado rei da Inglaterra em dezembro de 1066, estabelecendo uma dinastia normanda que governaria o país pelos próximos 90 anos.

A vitória normanda liderada por Guilherme, o Conquistador, resultou na ascensão da dinastia e trouxe consigo uma série de mudanças políticas e jurídicas para a Inglaterra. Conforme destacado por Elizabeth M. Hallam (2002), Guilherme implementou reformas importantes no sistema político e jurídico, incluindo a criação do *Domesday Book*, um registro abrangente que detalhava propriedades e impostos. Essa medida ajudou a centralizar o poder e estabelecer um sistema de administração mais eficiente. Além disso, a invasão normanda teve um impacto significativo na língua inglesa. Conforme apontado por David Crystal (2005), o francês normando exerceu uma influência marcante na evolução da língua, contribuindo com uma série de termos e conceitos que foram assimilados e incorporados ao vocabulário inglês. Essa

influência linguística refletiu a transformação social e cultural resultante da conquista normanda.

A chegada dos normandos impactou a sociedade e a língua inglesa. De acordo com Marc Morris (2013), Guilherme, o Conquistador, trouxe consigo uma grande quantidade de normandos, incluindo nobres, cavaleiros e administradores, e eles buscaram se integrar à sociedade anglo-saxã. Para facilitar sua integração, os normandos adotaram gradualmente a língua e a cultura anglo-saxãs. No entanto, segundo David Crystal (2018), os normandos também trouxeram sua própria língua e cultura. O francês normando tornou-se a língua oficial da corte, da administração e da igreja, enquanto o inglês antigo, que já havia sido influenciado pelo latim e pelas línguas germânicas, passou a incorporar cada vez mais palavras de origem francesa e latina e era falado pela maioria da população.

Entre as palavras normandas introduzidas na língua inglesa estavam termos relacionados ao governo, justiça, religião, artes e culinária. Por exemplo, "*government*" (governo), "*justice*" (justiça), "*religion*" (religião), "*art*" (arte), "*music*" (música) e "*cooking*" (culinária) são todos exemplos de palavras de origem normanda adotadas na língua inglesa. A influência normanda também se manifestou em mudanças na pronúncia e gramática. Os normandos falavam francês antigo, que tinha uma pronúncia diferente do inglês antigo. Acarretando mudanças na maneira como as palavras eram pronunciadas em inglês, bem como a uma simplificação da gramática. Por exemplo, a declinação de substantivos e adjetivos em inglês antigo foi gradualmente abandonada em favor do uso de preposições para indicar o caso.

Portanto, apesar do pânico e mortes que a invasão normanda acarretou, ela também trouxe consigo a introdução de novas palavras e conceitos que enriqueceram o vocabulário do inglês. Palavras relacionadas à administração, governo, justiça e nobreza começaram a ser adotadas do francês normando. Essa influência foi especialmente significativa nas áreas de lei, política, culinária, moda e artes. O inglês assimilou esses termos normandos, enriquecendo seu léxico e refletindo a interação cultural e social entre as comunidades normanda e anglo-saxã. Essa mescla linguística contribuiu para o desenvolvimento e a evolução contínua da língua inglesa ao longo dos séculos.

Segundo David Crystal (2018), os textos em inglês médio, embora datem apenas cerca de um século após os últimos escritos em inglês antigo, apresentam uma notável semelhança com o inglês moderno em termos de gramática e vocabulário. Isso significa que, ao analisar esses textos, é possível identificar

estruturas gramaticais e palavras que se assemelham ao inglês contemporâneo, especialmente quando consideramos o trabalho de autores como Chaucer no século XIV. Essa proximidade linguística entre o inglês médio e o inglês moderno nos permite ter uma compreensão mais clara e acessível desses textos, facilitando o estudo e a apreciação da literatura da época.

Cada uma das principais obras literárias do período do inglês médio oferece evidências do impacto do francês. Quando chegamos aos Contos da Cantuária (por volta de 1400), o conteúdo lexical francês se torna uma característica linguística importante: oito das 13 palavras de conteúdo na citação acima são de origem francesa - *April, March, pierced, vain, liquor, virtue, engendered, flower*. De acordo com o Dicionário Oxford da Língua Inglesa, no final do período do inglês médio, cerca de 30% do vocabulário inglês é de origem francesa. (CRYSTAL, 2018, s/p)

Houve também impacto na literatura inglesa, incluindo a introdução de novos gêneros literários e a adaptação de histórias antigas em formas literárias normandas. Um dos gêneros literários introduzido pelos normandos foi a crônica, que era um registro histórico detalhado dos eventos do reinado e de seus feitos, essa tradição foi passada para a Inglaterra com a conquista. A crônica mais famosa da Inglaterra foi escrita por Guilherme, o Conquistador, e seus contemporâneos, e é conhecida como a *Crônica Anglo-Normanda*. Escrita em francês antigo, e registra eventos como a Batalha de Hastings e a conquista da Inglaterra pelos normandos. *The Ecclesiastical History* de Orderic Vitalis, escrita em latim no século XII, é também um exemplo de uma crônica escrita por um normando na Inglaterra.

Outro gênero literário influenciado pelos normandos foi a poesia. De acordo com o livro *A Companion to Medieval Poetry* (2010), editado por Corinne Saunders, a poesia anglo-saxã, com suas raízes germânicas, foi gradualmente substituída pela poesia normanda, que apresentava uma forte influência francesa. Os poetas normandos introduziram novas formas poéticas, como o romance e o lai, que eram populares na França e desenvolveram-se a partir de narrativas em verso e prosa em francês antigo. O romance era caracterizado por histórias de amor, aventuras e heroísmo, e ganhou popularidade na Inglaterra a partir do século XII.

Um exemplo importante de romance é *Tristan und Isolde* de Bérout, que foi adaptado para o inglês médio como *Sir Tristram* por Thomas de Britany no século XIII). Essa obra influenciou muitos escritores posteriores, incluindo Thomas Malory em sua obra *Le Morte d'Arthur*.

Os normandos também introduziram o conceito de "*chanson de geste*", ou "canção de gesta", que era um poema épico em francês antigo que contava as histórias de heróis lendários. Segundo Elaine Treharne (2015), os poemas como a

Chanson de Roland, composta no século XI, eram recitados por menestréis e altamente valorizados na corte. Embora não tenha sido escrito em inglês, a história do poema foi adaptada para o inglês médio em *The Song of Roland* no século XII.

Os normandos também influenciaram a adaptação de histórias antigas em formas literárias normandas. Um exemplo citado por R.D. Fulk em seu livro *A History of Old English Literature* (2013) é a história de *Beowulf*, um épico anglo-saxão, adaptado em francês antigo por um poeta normando conhecido como "O autor do Beowulf". Embora a versão original em inglês tenha sido perdida, a adaptação em francês antigo sobreviveu e forneceu uma fonte importante de material para os escritores ingleses posteriores.

Os normandos também influenciaram a literatura religiosa introduzindo novos textos religiosos em inglês médio, como as vidas dos santos e os milagres, que eram escritos em prosa. Esses textos tinham como objetivo educar o povo comum sobre a religião e a moralidade. Outras obras literárias influenciadas pelos normandos incluem *The History of the Kings of Britain* de Geoffrey of Monmouth, escrito em latim no início do século XII e traduzido para o francês antigo, e *The Anglo-Saxon Chronicle* de Alfred, o Grande, escrito em inglês antigo no século XII e posteriormente atualizado em inglês médio pelos normandos. Além disso, o poema satírico *The Owl and the Nightingale* foi escrito em inglês médio no final do século XII e aborda a vida e a arte da poesia.

Além da língua, a cultura normanda também exerceu grande influência na sociedade inglesa. Os normandos introduziram novas práticas administrativas, legais e militares, além de trazerem uma nova arquitetura e um novo estilo de arte. Essa fusão de culturas acabou dando origem a um período de grande crescimento cultural e intelectual conhecido como o Renascimento Anglo-Normando. Mas a integração normanda na sociedade inglesa não foi tão simples e houve muitos conflitos entre os normandos e os anglo-saxões. Mesmo assim, com o tempo, as diferenças culturais foram sendo superadas e a língua e a cultura inglesas acabaram se fortalecendo com essa influência.

Com a chegada dos normandos, a estrutura feudal foi reorganizada para dar mais poder ao rei e reduzir a independência dos senhores feudais. Guilherme, o Conquistador, introduziu um novo sistema de governo conhecido como feudalismo normando, que enfatizava a lealdade direta do vassalo ao rei. Guilherme implementou um sistema rigoroso de governo centralizado, onde os senhores feudais normandos receberam grandes terras, chamadas feudos, em troca de sua lealdade ao rei. Os

feudos eram concedidos aos nobres normandos em regime de tenência, e eles tinham obrigações militares e administrativas para com o rei. Além disso, a Inglaterra foi dividida em condados governados por xerifes, conforme mencionado por Marc Morris (2012). Os xerifes eram nomeados pelo rei e tinham a responsabilidade de manter a ordem, administrar a justiça localmente e arrecadar impostos em nome do rei. Essas medidas visavam fortalecer o controle real sobre as terras e a população, estabelecendo uma hierarquia clara de autoridade feudal.

Antes da invasão, o poder real era limitado e compartilhado com senhores feudais regionais. Com a chegada dos normandos, o rei tornou-se mais poderoso e centralizado. O sistema legal também mudou, com a introdução do sistema de tribunais reais, que estabeleceu a lei e a ordem em todo o país.

Os Normandos dominaram a Inglaterra por mais de dois séculos e o senso de nacionalidade inglesa foi construído e implementado somente após um conflito bélico contra a França que durou mais de um século.

CAPÍTULO 2: EVENTOS MARCANTES DA IDADE MÉDIA

A Guerra dos Cem Anos

Durante o reinado de Edward III, conhecido por suas estratégias de guerra e por suas tentativas de invasão da Irlanda e da Escócia, ocorreu um importante acontecimento que marcaria a história dos Plantagenet: a Guerra dos Cem Anos. Após invadir a Escócia e instalar Edward Balliol como novo rei, que jurou lealdade a Edward III, o rei inglês enfrentou rebeliões escocesas entre 1333 e 1336. No entanto, Edward III teve que deixar a Escócia de lado para lidar com o próximo conflito, que se tornaria o mais importante e duradouro da dinastia. Um fato curioso é que, em 1337, enquanto Edward III formava um novo grupo de nobres aliados, ele nomeou seu filho mais velho, Edward of Woodstock, como Duque da Cornualha, criando assim o primeiro ducado da Inglaterra e introduzindo a palavra "*duc*" do francês para o inglês (JONES, 2014).

A Guerra dos Cem Anos foi um conflito prolongado entre a Inglaterra e a França, que ocorreu aproximadamente entre 1337 e 1453. Suas raízes remontam à invasão normanda liderada por Guilherme, o Conquistador, em 1066, que estabeleceu a dinastia normanda na Inglaterra. Isso gerou tensões entre os reis ingleses e franceses, pois os monarcas ingleses também possuíam terras e títulos na França, tornando-se vassallos dos reis franceses. No entanto, a morte do último rei da Casa de Capeto da França, Carlos IV, em 1328, desencadeou uma acirrada disputa pela sucessão ao trono. Edward III, neto de Filipe IV da França e descendente da dinastia normanda, reivindicou o trono francês com base em sua linhagem real. Ele contestou a aplicação da lei sálica, que excluía mulheres da sucessão, argumentando que sua mãe, Isabella, filha de Filipe IV, era elegível ao trono.

Segundo Dan Jones, os franceses não aceitaram a reivindicação de Edward III e coroaram Philip VI, da Casa de Valois, como seu novo rei, iniciando assim o conflito conhecido como a Guerra dos Cem Anos. A disputa pela sucessão ao trono francês foi um dos principais motivos do conflito, com Edward III e seus sucessores ingleses buscando reivindicar seu direito à coroa francesa. Essa pretensão ao trono foi um elemento fundamental que alimentou o conflito e motivou as campanhas militares em território francês durante décadas.

Um dos principais fatores que contribuíram para a duração da guerra foi a capacidade militar e as estratégias adotadas por ambos os lados. Tanto a Inglaterra quanto a França tiveram períodos de vantagem militar durante o conflito, conquistando territórios e obtendo vitórias importantes. No entanto, essas vantagens eram frequentemente temporárias e logo eram revertidas pela outra nação. A guerra foi marcada por mudanças nas táticas militares e no desenvolvimento de novas tecnologias. A introdução do *longbow* inglês, um arco longo que a cavalaria utilizou também na batalha contra a Escócia logo antes do início da guerra contra a França, a arma de alta precisão deu uma vantagem significativa aos arqueiros ingleses. Por outro lado, os franceses desenvolveram novas táticas e adotaram o uso de artilharia para tentar superar a superioridade inglesa. Essa constante evolução das estratégias militares prolongou o conflito. (JONES, 2014)

Entre os acontecimentos mais marcantes da Guerra dos Cem Anos, destacam-se a Batalha de Crécy em 1346, onde o exército inglês obteve uma vitória decisiva sobre as forças francesas, utilizando táticas defensivas e o poderoso *longbow*; a Batalha de Poitiers em 1356, na qual o príncipe negro Edward, filho de Edward III, capturou o rei francês João II; e a Batalha de Agincourt em 1415, onde o exército inglês, liderado por Henrique V, derrotou as forças francesas.

Além dos ingleses e franceses, outros países participaram ou foram influenciados pela guerra. Alianças e coalizões foram formadas ao longo do tempo, com potências como a Escócia, Espanha, Portugal e Borgonha envolvendo-se em diferentes momentos e apoiando um lado ou outro. Houve também a participação de mercenários e tropas de outros países europeus, ampliando o escopo do conflito.

Durante o período da Guerra dos Cem Anos, houve uma mudança significativa na importância e uso das línguas na Inglaterra. Antes do conflito, o francês era amplamente empregado como a língua da corte e da nobreza, enquanto o inglês era considerado uma língua vernácula e principalmente falada pela população comum. À medida que a guerra se desenrolava contra a França, uma nação cuja língua

dominante era o francês, ocorreu um fortalecimento do sentimento patriótico na Inglaterra. Esse sentimento alimentou o desejo de distinguir-se dos franceses e valorizar a identidade inglesa. Conseqüentemente, houve um aumento no uso e prestígio da língua inglesa, que se tornou um símbolo de resistência e identidade nacional.

Geoffrey Chaucer, um dos mais importantes escritores da época, exemplifica essa mudança. Chaucer além de escrever em latim e francês, também escreveu em inglês. Sua obra mais famosa, *The Canterbury Tales*, escrita em inglês médio, tornou-se um marco na literatura inglesa, consolidando e legitimando o uso do inglês como uma língua literária respeitada e reconhecida.

O uso do inglês também foi impulsionado pelo desenvolvimento de uma classe média emergente que buscava expressar-se na língua vernácula. O crescimento do comércio e da economia inglesa aumentou a demanda por registros comerciais e legais em inglês, impulsionando sua utilização em áreas além da esfera literária.

Essa mudança não foi imediata nem exclusiva da Guerra dos Cem Anos. Já havia um movimento em direção ao uso do inglês antes do conflito, e o processo de afirmação do inglês como língua dominante continuou além do período da guerra. No entanto, a guerra desempenhou um papel significativo ao fortalecer o sentimento nacionalista e promover o uso do inglês como uma língua de prestígio e unificação na Inglaterra, agilizando o processo de transformar a língua inglesa no prestigiado idioma que é até hoje.

De acordo com Augustyn, em 29 de agosto de 1475, os reis, Edward IV da Inglaterra e Louis XI da França se encontraram em Picquigny, na França, e acordaram uma trégua de sete anos, comprometendo-se a resolver suas diferenças futuras por meio de negociações em vez de conflitos armados. Edward deveria retirar suas tropas da França e receber uma compensação. Essa trégua foi capaz de resistir a várias tensões e, em essência, marcou o fim da Guerra dos Cem Anos. Importante ressaltar que nenhum tratado de paz foi oficialmente assinado.

A Peste Bubônica

Outro fato histórico importante para esse processo foi a Peste Bubônica, também conhecida como Peste Negra, esta teve um impacto profundo na sociedade inglesa durante o século XIV. A epidemia, que atingiu a Europa entre os anos de 1347

e 1351, resultou em uma grande perda de vidas e alterações significativas na estrutura social e linguística da Inglaterra. A disseminação da peste teve um efeito devastador na população, levando à morte de milhões de pessoas em todo o continente europeu. A Inglaterra não escapou dessa tragédia, e a peste se espalhou rapidamente pelo país, causando inúmeras mortes. Acredita-se que cerca de um terço da população da Inglaterra tenha sucumbido à doença durante esse período. “Estima-se que a população de Londres tenha diminuído de 100.000 para 20.000 em apenas uma geração.” (MASSON, s/d)

Uma das consequências desse surto foi a morte de pessoas importantes, incluindo muitos que ocupavam cargos na nobreza e na alta hierarquia da sociedade. Essas mortes resultaram em lacunas nas posições de liderança, abrindo espaço para que pessoas de origem mais humilde assumissem esses papéis. Como resultado, indivíduos que falavam inglês, a língua vernácula do povo comum, tiveram a oportunidade de ocupar posições anteriormente dominadas por aqueles que falavam francês ou latim.

Pode-se argumentar que, para os camponeses que sobreviveram, a vida melhorou significativamente. Eles tinham mais dinheiro no mundo pós-praga, e sua experiência e trabalho eram mais necessários do que nunca para manter os frágeis sistemas da Europa funcionando. Em alguns casos, eles até podiam negociar suas próprias condições de trabalho. (MASSON, s/d)

A mudança linguística resultante da Peste Negra foi parte de um processo mais amplo de afirmação da língua inglesa na Inglaterra. Antes da epidemia, o francês era amplamente utilizado como língua da corte e da nobreza, enquanto o inglês era considerado uma língua vernácula falada principalmente pela população comum. No entanto, com a morte de muitos nobres e o aumento da influência da classe média emergente, o inglês se tornou mais prevalente e valorizado como língua de governo, comércio e interação social.

Em conclusão, a construção da identidade inglesa e a consolidação da língua inglesa como um símbolo de resistência foram moldadas por uma série de eventos históricos. As invasões anglo-saxãs e vikings trouxeram influências culturais e linguísticas distintas para a Inglaterra, estabelecendo uma diversidade de tradições e idiomas na região. Esses períodos de instabilidade e conflito deixaram marcas profundas na sociedade inglesa, mas também contribuíram para a formação de uma identidade unificada.

A dominação normanda trouxe mudanças significativas para a Inglaterra, incluindo a adoção do francês como a língua da corte e da nobreza. Essa influência

normanda ajudou a moldar a estrutura social e política do país, estabelecendo a base para o desenvolvimento de uma identidade inglesa distinta. E a Guerra dos Cem Anos, por sua vez, desempenhou um papel fundamental na afirmação da identidade nacional inglesa. A disputa pela coroa francesa fortaleceu o sentimento patriótico na Inglaterra, impulsionando o uso e o prestígio da língua inglesa como uma forma de resistência e unificação contra os franceses.

Além disso, a peste bubônica, que assolou a Europa durante o século XIV, teve um impacto devastador na população inglesa. A epidemia dizimou uma grande parte da população, causando desorganização social e econômica. A praga deixou uma marca indelével na consciência coletiva, influenciando a mentalidade e as perspectivas dos sobreviventes.

As invasões anglo-saxãs, vikings, a dominação normanda e a Guerra dos Cem Anos e a peste bubônica foram eventos históricos que deixaram um legado na formação da identidade inglesa e no desenvolvimento da língua inglesa. Esses momentos de conflito, transformação e desafios contribuíram para a construção de uma nação unificada e para o estabelecimento do inglês como um idioma de prestígio e unificação até os dias atuais.

CAPÍTULO 3: A VIDA DE GEOFFREY CHAUCER

Figura 2: Pintura de Geoffrey Chaucer



Fonte: <https://www.westminster-abbey.org/pt/about-the-abbey/history/poets-corner>

Geoffrey Chaucer, um dos mais importantes e influentes poetas da literatura inglesa, viveu uma vida repleta de diversas atividades e responsabilidades. Nasceu por volta de 1343 em Londres, Inglaterra, e ao longo dos anos, desempenhou papéis variados que o levaram a experiências únicas e notáveis. Desde sua juventude, Chaucer demonstrou habilidades e talentos excepcionais, que o impulsionaram a ocupar posições de destaque na sociedade inglesa da época.

“Chaucer desempenhou diversos papéis ao longo de sua vida, sendo soldado, escudeiro da casa do rei, membro de missões diplomáticas, controlador de alfândega, juiz de paz, membro do Parlamento, responsável pelas obras do rei em dez residências reais e até mesmo oficial florestal.” (CROW, LELAND, 1987, pp.XV)

Chaucer era filho de um próspero comerciante de vinhos, foi exposto desde cedo ao ambiente mercantil de Londres, onde teve contato com uma variedade de pessoas e línguas. Ele aprendeu a falar fluentemente em francês e estudou latim. O destino usual para alguém com essa origem seria trabalhar nos negócios da família,

mas seu pai conseguiu colocá-lo como pajem em uma das grandes casas aristocráticas da Inglaterra, servindo a condessa de Ulster, casada com o príncipe Lionel, segundo filho de Edward III. Nessa posição, Chaucer adquiriu as maneiras e habilidades necessárias para uma carreira ao serviço da classe dominante, desempenhando funções administrativas nas casas reais.

Chaucer teve uma carreira bastante ativa e variada, ocupando várias posições importantes no governo e associando-se com a nobreza, incluindo a família real. Ele foi capturado pelos franceses durante a Guerra dos Cem Anos, participou de missões diplomáticas na Espanha, França e Itália, e trabalhou como controlador de alfândegas em Londres. Embora suas atividades o tenham aproximado da elite, ele sempre teve consciência de sua origem de classe média e do fato de não ser considerado um verdadeiro membro da nobreza. Segundo Greenblatt (2012), Chaucer também foi profundamente influenciado pelas mudanças sociais e culturais de sua época, especialmente pelo surgimento da classe média próspera. Isso é evidente em suas obras, especialmente em *The Canterbury Tales*, onde ele retrata uma grande variedade de personagens de diferentes classes sociais, criticando e satirizando suas ações e crenças de maneira leve e com humor.

Mesmo após a ascensão de Henry IV em 1399, Chaucer não perdeu seu prestígio, mantendo sua posição por três reinados, para Henry IV ele escreveu *Complaint to His Purse* para o novo rei, o apoiando e lembrando das anuidades que a coroa devia a ele. Chaucer se casou com Philippa Pan, que também fazia parte da corte, a serviço da rainha, e Chaucer agora a serviço do rei Edward III, fez parte do grupo de escudeiros, quando ele iniciou suas viagens para outros países, provavelmente como mensageiro do rei. Foi nesse período que ele escreveu *The Book of the Duchess* para a Duquesa de Lancaster, Blanche, primeira esposa de John of Gaunt, mãe de Henry IV, que morreu em 1368. John chegou a pagar uma anuidade para Chaucer pelo seu poema em memória de sua falecida esposa. (CROW; LELAND, 1987, pp.xxv)

Ele exibiu proficiência em várias línguas, o que lhe permitiu participar de missões diplomáticas, viajar para diferentes países e se envolver em negociações políticas. Em 1372-73 Chaucer, acompanhado de dois italianos realizaram uma viagem para a Itália, a mando do rei, para tratar de assuntos políticos-militares.

Em suas viagens diplomáticas a Itália, especialmente para Genova e Florença (por volta de 1372-73), De acordo com Crow e Leland (1987) Chaucer teve contato com o renascimento europeu e com seus principais autores da época, Dante, Petrarca

e Boccaccio. A ideia de *The Canterbury Tales* traz a mesma estrutura de *Decameron* escrito por Giovanni Boccaccio entre 1348-53, onde um grupo de pessoas se juntam e contam 100 contos em 10 dias histórias para passar o tempo enquanto estão em refúgio da peste negra, uma diferença entre os poemas é que as histórias de Boccaccio são contadas somente por nobres, já Chaucer mostra diversas classes sociais e ocupações em seus personagens. Petrarca escreveu o soneto *S'amour non è*, o qual Chaucer foi o primeiro a traduzir para o inglês. Inclusive Petrarca é mencionado no prólogo de *The Clerk's tale*, onde o personagem afirma que ouviu a história de Petrarca:

Refiro-me a Francisco Petrarca,
o poeta laureado, cuja doce retórica
iluminou com sua poesia toda a Itália... (CHAUCER, 2019, pp.131)

Pouco tempo depois que Chaucer retornou de sua viagem a Florença, outra ocasião para lidar com italianos surgiu, o que é prova de que ele também era proficiente em italiano, além de francês e latim.

Alguns fatos curiosos como Chaucer ser acusado de agredir um frei franciscano, e receber vinho diário para a vida, pelo rei Edward III, provavelmente por um poema apresentado ao rei no festival do dia de São Jorge, em abril de 1374. O presente foi renovado e convertido para vinte marcos ao ano por Richard II após a morte de seu avô, possibilitando sabermos que Chaucer além de reconhecido, teve uma boa vida também financeiramente. Nesse mesmo ano Chaucer iniciou em sua posição como controlador da taxa de exportação de tecidos. Em 1382 ele também controlava as taxas de importação e exportação de vinho e outros produtos, permanecendo por doze anos nesse ofício. (CROW; LELAND, 1987, pp. xix-xx)

Apesar de suas obrigações na alfândega, Chaucer continuou a dedicar-se a seus interesses literários, escrevendo poemas importantes como *Parlement of Foules*, *House of Fame* e *Troilus and Criseyde*. Ele também estava traduzindo *Consolacione Philosophiae* de Boécio do latim. Embora fosse prolífico como escritor mesmo quando ocupado com outros assuntos, ele também foi enviado em missões secretas pelo rei Eduardo III e mais tarde por Ricardo II. Algumas dessas missões o levaram a Paris, Montreuil e partes da França. (CROW; LELAND, 1987, pp. xxi)

Em 1377, antes da morte de Edward III e seu filho, Chaucer foi enviado para diversas missões secretas a Paris. Estipula-se que a viagem tinha a intenção de negociar o casamento entre Richard e uma princesa francesa, o que não aconteceu.

Outra missão de Chaucer, em 1378, o levou à Lombardia, onde teve contato com a literatura italiana e os patronos de Petrarca. Ele impressionou-se com os Visconti e registrou sua influência em seus poemas. Depois dessas viagens, Chaucer retornou a Londres, e seu nome apareceu em um registro ambíguo relacionado ao rapto de Cecília Chaumpaigne, filha de um padeiro de Londres. A questão exata do "rapto" é discutível, mas Cecília finalmente isentou Chaucer de qualquer responsabilidade. Em 1385 Chaucer se tornou parte dos membros da comissão da paz por Kent, e em 1386 ele foi eleito membro da câmara dos comuns no parlamento, também como representante de Kent. E foi entre 1386-89 que ele provavelmente desenvolveu o prólogo e alguns contos de *The Canterbury Tales*. (CROW; LELAND, 1987, pp.xxi-xxii)

Em 12 de julho de 1389 Chaucer foi nomeado escriturário das obras de Richard II, permanecendo na função até junho de 1391. Dentre suas funções, ele era responsável por supervisionar as construções e reparações dos bens do rei, como a construção da nave da Abadia de Westminster, realizada pelo mestre de obras Henry Yeveley, que também planejou e construiu a nave da Catedral de Canterbury e projetou os túmulos de Ricardo II e da Rainha Anne na Abadia. (CROW, LELAND, 1987, pp.xxiv) Esse fato é importante já que Chaucer foi enterrado na Abadia de Westminster, por ser locatário de uma casa próxima à *Lady Chapel* da Abadia de Westminster e membro da paróquia.

Chaucer foi o primeiro poeta a ser enterrado na Abadia. E quase 200 anos depois, Edmund Spenser (1553-1598) que escreveu *The Faerie Queene* para Elizabeth I, pediu para ser enterrado perto de Chaucer. (WILKINSON, s/d) Desde então, tal local se tornou o "*Poets' Corner*", onde atualmente há mais de 100 poetas e escritores, dentre eles: Thomas Hardy, Charles Dickens, William Shakespeare, Jane Austen e as irmãs Bronte.

Apesar de ter recebido sua fama pela obra *Canterbury Tales*, escrita em inglês médio, Chaucer também escreveu em francês e latim, Como *La Prière de Nostre Dame (An ABC)*, este curto poema de oração foi escrito em francês e serve como uma peça devocional; *La Plainte de Mars (The Complaint of Mars)*, também escrito em francês, um poema em forma de lamentação, que reflete sobre temas de amor e guerra; *A Treatise on the Astrolabe (Tractatus de Astrolabio)*, um manual científico e instrucional sobre o uso do astrolábio, um instrumento astronômico medieval. Foi escrito em latim e é uma das primeiras obras conhecidas de Chaucer; *The Equatorie of the Planetis*, é uma tradução de um tratado científico sobre astronomia do estudioso

e astrônomo francês Nicole Oresme. Chaucer traduziu-o do francês para o latim; *The Treatise on the Roman de la Rose (Tractatus de Roman de la Rose)*, Chaucer escreveu este comentário em latim, fornecendo uma análise e interpretação do poema francês "Roman de la Rose", escrito por Guillaume de Lorris e Jean de Meun. Até alguns poemas escritos em inglês médio possuem algumas frases e versos em outras línguas, como *The House of Fame*, que é um lindo poema escrito em três partes. Começa com o narrador discutindo sonhos e invocando Morfeu. Em seu sonho, ele se encontra em um templo de vidro dedicado a Vênus e presencia várias cenas da Eneida de Virgílio, incluindo a destruição de Troia, a jornada de Eneias e seus encontros com Dido e as regiões inferiores. Em seguida, o narrador sai do templo e encontra uma águia gigante que o carrega para a Casa da Fama, um lugar situado entre o céu, a terra e o mar. A águia explica como os sons e rumores chegam à Casa da Fama, e o narrador observa o mundo de uma grande altura. Finalmente, no Livro III, o narrador é colocado no chão e guiado em direção à Casa, onde testemunha as palavras tomando a forma das pessoas que as pronunciaram.

Seu túmulo data sua morte em 25 de outubro de 1400, porém a data pode ser imprecisa, já que o túmulo só foi erguido mais de 100 anos depois. Evidentemente suas experiências ofereceram muito para seu legado como o grande escritor que se tornou, não só após sua morte como muitos, Chaucer foi um reconhecido poeta em vida, mesmo trabalhando em diferentes cargos por praticamente toda a sua vida. Seus poemas e traduções em latim, francês e italiano o tornaram conhecido, mas a língua inglesa foi a escolhida por ele para um de seus maiores e mais famosos poemas, *The Canterbury Tales*, que até hoje é apreciado como um marco da literatura medieval, o consagrando como o pai da literatura inglesa.

Geoffrey Chaucer, um dos mais renomados poetas da literatura inglesa, foi reconhecido como tal durante sua própria vida. Porém, seu legado não se limita apenas à sua própria época. Sua influência se estendeu ao longo dos séculos, inspirando gerações de escritores e estabelecendo os fundamentos da tradição literária inglesa. Seu estilo narrativo inovador, sua capacidade de criar personagens memoráveis e suas reflexões profundas sobre a condição humana continuam a ressoar na literatura contemporânea. Chaucer permanece um grande exemplo de mestria literária e uma fonte de inspiração para aqueles que buscam explorar a complexidade da experiência humana por meio da palavra escrita, como denotam algumas menções a Chaucer por diferentes autores em diferentes períodos:

Um dos primeiros tributos a Chaucer como poeta veio da França em 1385-86. Embora a França naquela época estivesse se preparando para invadir a Inglaterra, o amigo de Chaucer, Sir Lewis Clifford, retornou da França trazendo um poema de generoso elogio, escrito pelo principal poeta francês da época, Eustache Deschamps. A balada de Deschamps, com o refrão "grande tradutor, nobre Geoffrey Chaucer", destacou o papel de Chaucer como intermediário cultural que tornou *Le roman de la rose* acessível aos leitores ingleses. O poema elogiava Chaucer extravagantemente por sua concisão na fala, sua sabedoria, seu conhecimento prático. Deschamps afirmava que ele mesmo seria apenas uma erva daninha no jardim poético de Chaucer. (CROW, LELAND, 1987, pp.xxiii)

A tendência das obras de Chaucer em refletir suas leituras e interesses atuais é a base da antiga, embora não totalmente equivocada, divisão de sua carreira em períodos francês, italiano e inglês. Suas primeiras obras refletem sua leitura e admiração pela poesia cortesã francesa; sua descoberta da poesia italiana afetou significativamente a forma e o tema de sua poesia; e seu último período, o tempo de *Os Contos da Cantuária*, é caracterizado por uma profunda mudança em suas ideias sobre poesia e representação da vida inglesa. Essas divisões não são mutuamente exclusivas; Chaucer era um poeta inglês desde o início, e à medida que sua carreira se desenvolvia, ele acrescentava em vez de rejeitar seus entusiasmos anteriores. (BENSON, 1987, pp. xxix)

O tradutor de *The Romance of the Three Kingdoms* – um romance chinês que conta a história do final da dinastia Han, e suas batalhas, intrigas e relações interpessoais, onde a história se mistura com a lenda e cria um romance épico – também menciona Chaucer na introdução do livro:

Isso colocaria a composição do romance em algum lugar entre 1330 e 1380, que é praticamente o mesmo período do poeta e contador de histórias inglês Geoffrey Chaucer (c.1343-1400), que de maneira semelhante pegou histórias antigas, as sacudiu um pouco e criou e recriou contos maravilhosos para encantar o público. (PALMER, 2018, pp.xxxiv)

Por fim, a vida e obra de Geoffrey Chaucer constituem um importante capítulo na história da literatura inglesa e da cultura europeia. Chaucer desempenhou uma série de papéis ao longo de sua vida, incluindo soldado, escudeiro da casa real, membro de missões diplomáticas, controlador de alfândega, juiz de paz, membro do Parlamento e responsável pelas obras do rei em várias residências reais. Essas diversas atividades permitiram que ele adquirisse conhecimentos variados e uma visão abrangente das classes sociais e das diferentes culturas europeias com as quais entrou em contato. Ele também demonstrou proficiência em várias línguas, como o francês, latim e italiano, possibilitando-lhe atuar como mediador cultural e realizar traduções literárias significativas. Sua interação com escritores e patronos estrangeiros, como os italianos, influenciou profundamente sua poesia e ampliou seu horizonte intelectual. Através de suas viagens diplomáticas e contato com outras culturas literárias, ele enriqueceu seu repertório, encontrando inspiração para suas próprias criações poéticas. A importância de Chaucer como poeta e escritor já era

reconhecida em vida, como atestam os tributos elogiosos vindos da França, especialmente o poema de Eustache Deschamps, ressaltando sua habilidade como tradutor e sua relevância como mediador cultural. Sua posição na corte real e os reconhecimentos que recebeu, como o presente de vinho diário do rei, demonstram seu prestígio e seu sucesso como escritor e funcionário da realeza.

O legado de Geoffrey Chaucer permanece como um dos pilares da literatura inglesa, refletindo sua profunda influência na cultura europeia e sua contribuição duradoura para a tradição literária. Seu papel como mediador cultural, escritor prolífico e poeta talentoso estabeleceu-o como uma figura central da Idade Média e como um dos mais renomados poetas de todos os tempos. Seu exemplo de mestria literária e visão intelectual continua a ser uma fonte de inspiração para aqueles que buscam explorar a complexidade da experiência humana por meio da palavra escrita. Esse legado continua a ser valorizado ao longo dos séculos, inspirando sucessivas gerações de escritores e estudiosos. *The Canterbury Tales*, uma obra-prima literária, permanece como uma das mais importantes e influentes coleções de histórias da literatura inglesa medieval. Sua narrativa inovadora, personagens vívidos e reflexões sobre a condição humana atraíram leitores ao longo dos tempos, mas o que mais traz prestígio para essa obra, foi a escolha do autor de escrevê-la em inglês.

CAPÍTULO 4: A OBRA LITERÁRIA DE GEOFFREY CHAUCER

Embora já existissem poemas compostos em inglês, Chaucer é amplamente reconhecido como o precursor da poesia inglesa, porque ele não apenas optou por escrever em inglês em um contexto dominado pelos normandos na Inglaterra, mas também elevou o status da língua inglesa ao mesmo patamar do francês, latim e italiano, idiomas considerados de prestígio para a literatura europeia. Essa escolha deliberada de Chaucer em utilizar o inglês como meio de expressão literária tinha o propósito de proporcionar acesso e identificação a todas as camadas sociais, permitindo que os leitores se conectassem com os personagens e situações retratados em suas histórias.

Chaucer escreveu algumas obras de sucesso em inglês médio, onde ele explora o mundo dos sonhos e da imaginação de maneiras distintas, mas todas relacionadas à temática do amor, do desejo e das reflexões sobre a natureza humana. O primeiro foi *The Book of the Duchess (The Deth of Blaunche)*, o poema escrito por volta de 1369-1372, é uma das primeiras obras a destacar o talento de Chaucer como poeta e serviu como uma introdução ao estilo poético que ele mais tarde desenvolveria e aperfeiçoaria em suas obras posteriores. escrito como uma forma de lamento e consolo pela morte da duquesa, expressando simpatia e pesar pelo sofrimento de John of Gaunt. A estrutura narrativa do poema é complexa e bem trabalhada. O narrador, que alguns dizem ser uma espécie de alter-ego de Chaucer, está tendo problemas para dormir e decide pegar um livro para ler para passar o tempo. Ele encontra um livro sobre a lenda de Troilus e Criseyde, mas logo se vê incapaz de continuar lendo devido à tristeza causada pela morte da duquesa. Ele coloca o livro de lado e adormece, sonhando com uma paisagem onírica que representa a dor e o luto. No sonho, o narrador encontra um cavaleiro solitário vestido de preto, que representa John of Gaunt. O cavaleiro está profundamente triste e em luto pela perda

de sua amada esposa. O narrador tenta consolá-lo e, à medida que a conversa continua, o cavaleiro começa a contar histórias sobre a vida e virtudes de sua falecida esposa, Branca.

No poema, então, são apresentadas uma série de histórias dentro do sonho do cavaleiro, contando episódios do passado de Blanche e sua beleza, bondade e virtudes, em histórias que se entrelaçam com temas mitológicos e românticos. Através desse sonho, Chaucer retrata a dor do duque de Lancaster pela perda de sua esposa e presta uma homenagem à beleza e virtudes de Branca de Lancaster. O poema é uma meditação sobre a morte, o luto e a efemeridade da vida, além de ser uma reflexão sobre o poder da literatura para consolar e expressar emoções humanas profundas.

Chaucer também escreveu *The House of Fame*, por volta de 1379-1380. É uma obra que mistura elementos de sátira, alegoria e fantasia, comparado com *A Divina Comédia* de Dante, marca a adição do estilo literário italiano nas obras de Chaucer. O poema começa com o narrador discutindo sobre sonhos e invocando Morfeu, o deus do sono. Ele conta que em uma noite, adormeceu e sonhou que estava em um templo de vidro dedicado a Vênus, a deusa do amor. Nesse templo, ele encontrou palavras escritas em uma mesa de latão, que faziam referência à abertura da Eneida de Virgílio. Essa referência é uma indicação do tema do poema, pois a Eneida é uma epopeia que conta a história da fundação de Roma por Eneias, após a queda de Troia. A partir desse ponto, o narrador testemunha uma série de visões e cenas fantásticas, que o levam por várias histórias da Eneida e outras lendas mitológicas, como a história de Dido e Eneias, o encontro de Eneias com Deífobo no mundo dos mortos, entre outras. Essas cenas são apresentadas de forma vívida e com detalhes impressionantes, demonstrando a habilidade poética de Chaucer em criar imagens poderosas e evocativas. Após essas visões, o narrador deixa o templo e encontra uma águia gigante acima dele, com penas de ouro e de tamanho colossal. A águia o leva em suas garras e voa pelos céus, mostrando-lhe paisagens celestiais e terrenas. Durante esse voo, o narrador é instruído pela águia sobre a natureza do som e como as palavras pronunciadas pelos seres humanos viajam pelo mundo e chegam à Casa da Fama, onde são registradas.

O poema termina com o narrador sendo deixado no solo, próximo à Casa da Fama, onde ele testemunha as palavras assumindo a forma das pessoas que as pronunciaram, como se fossem retratos vivos. Esse final é uma reflexão sobre a natureza efêmera da fama e a maneira como as palavras e ações de uma pessoa

podem ter um impacto duradouro no mundo. *The House of Fame* é um poema complexo e enigmático que aborda questões de fama, reputação, verdade e a natureza da linguagem e da comunicação. Ele usa a jornada do narrador pelo templo de vidro e o voo com a águia para explorar a relação entre o mundo dos sonhos e da realidade, bem como a natureza transitória da fama e a dificuldade em alcançar reconhecimento duradouro. Criando um cenário de fantasia e imaginação que permite ao leitor refletir sobre a condição humana e a busca pela fama e reconhecimento. O poema é um exemplo notável da habilidade de Chaucer em misturar elementos da tradição literária clássica e medieval para criar uma obra única e cativante, que continua a ser apreciada e estudada até os dias atuais.

Em comparação com *The Book of the Duchess*, *The House of Fame* mostra um avanço marcante na maestria técnica do estilo e metro. Em ambas as obras, o verso possui algo da aspereza ou irregularidade do tipo de acento tradicional do inglês; porém, em *The House of Fame*, ele se torna um instrumento mais livre de expressão. (ROBINSON, 1987, pp.347)

The Parliament of Fowls (*The Parliament of Birds*), foi provavelmente escrito em torno de 1381, durante o reinado de Ricardo II. A história é narrada por um eu-lírico, que encontra um sonho no Dia de São Valentim. No sonho, o narrador é transportado para um bosque encantado, onde se depara com uma grande assembleia de pássaros de todas as espécies e tamanhos, que estão se reunindo para realizar um parlamento ou assembleia. Os pássaros estão reunidos para escolherem seus parceiros para o acasalamento no dia de São Valentim, uma tradição antiga que, segundo a lenda, acontecia entre as aves naquela data. Eles estão em busca de seus amados, cantando e cortejando em um espetáculo de beleza e harmonia.

Durante a assembleia, o narrador observa os diferentes tipos de pássaros, cada um representando uma característica ou tipo de amor. Através de uma série de diálogos e discursos entre as aves, explorando temas como o amor cortês, o amor não correspondido, o amor físico e o amor espiritual. Ao longo do poema, há também referências mitológicas e filosóficas, como a discussão sobre o livre-arbítrio e a natureza do amor. Chaucer também utiliza essa alegoria das aves em seu parlamento para fazer comentários sobre a sociedade e a política de sua época, especialmente sobre a corte de Ricardo II. O poema também é considerado uma das primeiras expressões da tradição do Dia dos Namorados na literatura.

Embora *The Book of the Duchess*, *The House of Fame*, *The Parliament of Fowls*, e outras obras também escritas em inglês sejam obras valiosas e demonstrem

o talento de Chaucer em diversas áreas. *The Canterbury Tales* se destaca como uma obra-prima inigualável, devido à sua riqueza narrativa, sua observação aguda da sociedade e da natureza humana, além da escolha da língua inglesa como meio de comunicação comum. O legado e a ampla repercussão de *The Canterbury Tales* são testemunhos da genialidade de Geoffrey Chaucer e da capacidade de sua obra de transcender as fronteiras do tempo e continuar encantando leitores ao longo dos séculos.

The Canterbury Tales

Dentre os 24 personagens apresentados em *The Canterbury Tales* que compartilham suas histórias, encontramos representantes dos três estamentos sociais: a nobreza, a igreja e os plebeus. A nobreza era uma pequena aristocracia hereditária cuja missão era governar e proteger o corpo político. A igreja tinha a responsabilidade de cuidar do bem-estar espiritual dessa sociedade. Por outro lado, os plebeus, a grande massa de pessoas, eram destinados a realizar o trabalho necessário para sustentar a comunidade. Entretanto, conforme o final do século XIV se aproximava, essa estrutura começou a se tornar mais complexa e instável. Novas camadas sociais surgiram, e a riqueza, a profissão e a habilidade pessoal passaram a desempenhar um papel significativo na determinação do status de uma pessoa. O crescimento e a prosperidade da classe média começaram a desempenhar papéis cada vez mais importantes tanto na igreja quanto no estado, levando a uma diluição das fronteiras de classe tradicionais. E é nessa classe média que Chaucer nasceu e cresceu, essa transição para uma estrutura social mais complexa é visível nas obras de Chaucer, que a partir de suas experiências e conhecimento, foi capaz de demonstrar essa variação da sociedade de maneira cômica e perspicaz.

Chaucer planejou originalmente escrever cerca de 120 histórias para *The Canterbury Tales*, com cada peregrino contando duas histórias no caminho para Cantuária e mais duas no caminho de volta. No entanto, ele só completou 22 contos e os inícios de outros dois. O trabalho foi provavelmente concebido em 1386, quando Chaucer morava em Greenwich, e pode ter sido inspirado pela visão de peregrinos medievais viajando em direção ao santuário de Thomas Becket em Cantuária. As histórias são enquadradas em uma peregrinação fictícia, e os narradores representam uma diversidade de posições sociais e ocupações. As histórias são atribuídas aos

narradores apropriados, e as interações entre os peregrinos adicionam profundidade e complexidade aos contos. A habilidade de Chaucer em conectar a ficção de enquadramento com as histórias individuais é um aspecto único de sua arte. A obra ganhou popularidade na Inglaterra medieval tardia, como comprovado pelos numerosos manuscritos sobreviventes. Chaucer infelizmente não completou a obra, deixando muitas inconsistências no poema. A ordem das histórias nos manuscritos varia, mas a ordem mais comumente adotada segue a do manuscrito Ellesmere. Mais de oitenta manuscritos da obra sobreviveram, evidenciando a fama de Chaucer. (GREENBLATT, 2012, pp.241-242)

Os contos ficaram incompletos devido ao falecimento de Chaucer em 1400, implicando em um plano narrativo inacabado, e dando abertura para propor teorias sobre o que Chaucer poderia ter pretendido caso tivesse tido a oportunidade de completar a obra, além de deixar a curiosidade de quem ganhou o jantar de graça na pousada por contar a melhor história. O anfitrião da pousada, Harry Bailly, que narra o prólogo e atua como mediador entre os contos, apresenta e descreve cada um dos peregrinos de forma cômica, além de comentar sobre as histórias de cada um. Vale ressaltar que, nos contos, os próprios personagens fornecem mais informações sobre si, adicionando detalhes de suas vidas e personalidades. Uma diferença significativa, além da democratização das histórias, entre *Decameron* e *The Canterbury Tales* é o envolvimento de Chaucer nas narrativas, que cria discussões e rivalidades entre os personagens, proporcionando uma visão vívida da vida na Idade Média. A Dr. Anne Rooney (2019, pp.7) cita: O poeta John Dryden disse em 1700: "Seus traços gerais ainda permanecem na humanidade, e até mesmo na Inglaterra... Pois a humanidade é sempre a mesma, e nada se perde da Natureza, embora tudo seja alterado". A citação de John Dryden ressalta a visão de que a humanidade, incluindo os traços e características das pessoas, permanece fundamentalmente a mesma ao longo do tempo, mesmo que as circunstâncias e contextos possam mudar. Isso implica que a obra de Chaucer, como *The Canterbury Tales*, continua a ressoar com as pessoas, independentemente da época em que vivem.

A ideia de que a identificação com os personagens de Chaucer transcende o tempo e a vivência é reforçada pelo fato de que as personalidades, desejos e feitos narrados são semelhantes aos de qualquer indivíduo. Mesmo após mais de 600 anos desde que foi escrito, *The Canterbury Tales* ainda é relevante e capaz de envolver os leitores contemporâneos. Além do fato de que foi uma obra-prima de Geoffrey Chaucer, com um impacto significativo na preservação e desenvolvimento da língua

inglesa. Chaucer desempenhou um papel crucial na consolidação do inglês como uma linguagem literária respeitada, contribuindo para a sua evolução e estabelecimento como uma forma de expressão artística e cultural duradoura.

O prólogo geral de *The Canterbury Tales* apresenta a proposta do livro, para retratar uma peregrinação a Canterbury com um grupo diversificado de personagens, cada um representando diferentes ocupações e estilos de vida. O prólogo foi presumivelmente escrito no início do período de Canterbury e sofreu revisões ao longo do tempo. Chaucer não tinha um modelo literário exato para essa obra, e o prólogo começa com referências eruditas e elaborada sintaxe, evocando um estilo de sonho visionário. Os retratos dos peregrinos mostram a habilidade de Chaucer em incorporar tradições medievais de literatura e sátira. Cada personagem é uma paródia de sua ocupação, representando os vícios e virtudes de suas respectivas posições na sociedade. Embora esses retratos sejam típicos da sátira da época, Chaucer consegue conferir individualidade a cada personagem, tornando-os mais reais e autênticos.

Outro aspecto marcante do prólogo é a interação entre o real e o ideal. Chaucer mescla habilmente elementos da vida cotidiana com idealizações, conferindo autenticidade às suas criações literárias. Personagens como Harry Bailly, o dono da taverna, e possivelmente Thomas Pinchbeck, um advogado londrino, parecem ser retratos de pessoas reais, enquanto outros, como o Parson e o Plowman, são idealizações. (BENSON, 1987, pp.5-6)

Geoffrey Chaucer é retratado no prólogo como o próprio narrador da história, o alegre peregrino, cheio de admiração pelos outros personagens. No entanto, sua caracterização é indireta, e suas ações e comentários sobre os outros peregrinos levam a debates sobre a distinção entre Chaucer o peregrino e Chaucer o homem. Embora alguns críticos tenham apontado aparente ingenuidade no narrador em ignorar as falhas óbvias dos personagens, reconhece-se que Chaucer, como homem, possuía uma complexidade maior do que a representada no prólogo.

Em *The Canterbury Tales*, Chaucer habilmente cria duas ficções simultâneas que se entrelaçam de forma cativante. O prólogo geral serve como uma das ficções, onde os peregrinos são apresentados e suas histórias futuras são sugeridas, fornecendo uma visão antecipada do que acontecerá na jornada a Canterbury. O jogo de contar histórias proposto por Harry Bailly, é a essência dessa primeira ficção, estabelecendo a estrutura para as narrativas que se desenrolarão. Aqui, Chaucer

introduz as personalidades e características dos personagens, com o narrador, possivelmente uma versão ficcional de si mesmo.

A segunda ficção surge à medida que os peregrinos começam a contar suas histórias individuais durante a jornada. Cada história apresentada por um personagem é uma ficção em si, transportando os leitores para mundos diferentes, repletos de enredos, personagens e temas diversos. Essas narrativas são o coração da obra, e, ao longo do caminho, Chaucer dá voz a uma ampla gama de gêneros literários, desde contos de amor e aventura até sátiras e fábulas morais. As histórias contadas pelos personagens são, de certa forma, um reflexo de suas personalidades, crenças e perspectivas individuais, enriquecendo a compreensão do leitor sobre os peregrinos.

É nesse entrelaçamento das duas ficções que Chaucer revela sua genialidade literário. A primeira ficção, o prólogo geral, servindo como uma moldura para as histórias dos peregrinos, conectando e contextualizando cada narrativa. Através dessa estrutura, cria-se uma unidade coerente que transforma uma simples jornada em uma complexa e envolvente experiência literária. O leitor é convidado a acompanhar os peregrinos em sua viagem e a imergir-se nas histórias que eles contam, sentindo-se parte da própria narrativa da obra. Ao entrelaçar o realismo e a idealização, Chaucer confere autenticidade aos personagens e suas narrativas, tornando-os vívidos e humanos. Cada peregrino, embora seja uma paródia de sua ocupação, é individualizado com peculiaridades, tornando-os personagens reais com quem o leitor pode se identificar ou criticar. Essa mistura hábil de realidade e idealização contribui para a riqueza e a complexidade da narrativa, enriquecendo a experiência de leitura, e trazendo esse aspecto único e inovador.

Outro aspecto marcante na obra, é a variação das expressões e o modo de falar de seus personagens. Essa característica confere profundidade e autenticidade aos personagens, permitindo que cada um se destaque por sua individualidade, origem social, ocupação e personalidade. Ao adotar diferentes estilos de linguagem, Chaucer demonstra seu talento não apenas como escritor, mas também como incrível observador da sociedade medieval em que viveu.

Ao longo da obra, podemos identificar uma clara distinção entre as falas dos personagens nobres e as das pessoas comuns. Os nobres, como o cavaleiro e a dama da corte, empregam um linguajar mais formal e refinado, demonstrando educação e sofisticação. Suas narrativas podem ser repletas de metáforas elaboradas e alusões culturais, refletindo uma visão de mundo influenciada pela cultura cortesã. Por outro lado, os personagens mais humildes e pertencentes às classes trabalhadoras, como

o cozinheiro, o moleiro e a esposa de Bath, utilizam uma linguagem mais simples, coloquial e, por vezes, repleta de gírias e expressões vulgares e populares. Essa abordagem permite que Chaucer retrate com autenticidade o dialeto e a mentalidade das pessoas comuns da época, que geralmente não tinham acesso à educação formal e se comunicavam de forma mais direta e informal. Já os personagens religiosos, como o frade e o frei, são retratados utilizando um tom mais sério e piedoso em suas falas. Chaucer habilmente utiliza o contraste entre suas palavras devotas e suas ações contraditórias para satirizar a hipocrisia e as falhas da Igreja na época. Essa crítica social é uma característica da obra, pois Chaucer aproveita a variedade de linguagens para evidenciar as contradições e ironias presentes na sociedade medieval.

Essa diversidade de estilos e linguagens reforça a ideia de que *The Canterbury Tales* é uma obra polifônica, onde diferentes vozes e perspectivas são representadas. Além disso, a variação na linguagem também mostra a habilidade de Chaucer em criar personagens complexos e multifacetados. Em que cada personagem não é apenas uma mera representação de um estereótipo, mas sim um indivíduo único com suas próprias características distintas. Através da linguagem e do discurso, Chaucer constrói retratos vivos e realistas, permitindo que os leitores se conectem emocionalmente com os personagens e suas histórias. Essa diversidade linguística não apenas enriquece o retrato da sociedade medieval, mas também realça a genialidade do autor em criar personagens autênticos e envolventes, tornando a obra uma verdadeira obra-prima da literatura inglesa.

A influência de Geoffrey Chaucer na língua inglesa é inegável, e sua escolha de escrever *The Canterbury Tales*, sua obra mais significativa e marcante, em inglês foi um marco na consolidação dessa língua como uma forma respeitada de expressão literária. Ao optar por escrever essa importante obra em inglês médio, Chaucer rompeu com a tradição literária estabelecida na época e abriu caminho para o uso coloquial e democrático da língua vernácula. Essa decisão teve um grande impacto na evolução da língua inglesa, pois tornou o idioma mais acessível ao público, não apenas à elite educada. Através de suas histórias diversificadas e personagens realistas, Chaucer retratou a vida e os costumes da sociedade medieval, utilizando uma linguagem que falava diretamente ao coração do povo comum. A empatia que os leitores contemporâneos têm pelos personagens de Chaucer atesta a habilidade do poeta em criar figuras humanas e complexas, cujas experiências ressoam através do tempo.

A forma coloquial e vívida da língua inglesa em *The Canterbury Tales* também permitiu que Chaucer explorasse uma ampla gama de temas e estilos narrativos. Ele incorporou elementos de comédia, sátira, romance, moralidade e religião em suas histórias, oferecendo uma visão abrangente da condição humana e da sociedade medieval. A diversidade temática e a riqueza narrativa da obra garantiram sua longevidade e seu status como uma das mais importantes criações literárias da Idade Média. Seu uso do inglês médio inspirou e influenciou muitos outros escritores, que passaram a adotar a língua vernácula em suas obras. Com o tempo, o inglês médio evoluiu para o inglês moderno, e Chaucer é frequentemente considerado um dos pioneiros dessa transição.

O formato narrativo de *The Canterbury Tales* também é uma característica interessante. Cada conto dentro da obra é independente e apresenta sua própria história, tema e personagens. Entretanto, esses contos são interligados por meio de um quadro narrativo maior - a peregrinação dos personagens à Catedral de Canterbury. A estrutura da obra consiste na descrição do prólogo, onde Chaucer apresenta a motivação e características dos peregrinos reunidos na taberna em Southwark. Essa estrutura cria um contexto e motivação para os personagens contarem suas histórias. A jornada em grupo proporciona a oportunidade para que os peregrinos se conheçam melhor e compartilhem suas experiências, crenças e valores uns com os outros. Através das histórias que eles contam, os leitores são apresentados a uma ampla variedade de temas e aspectos da vida medieval.

Mas o que traz essa atmosfera é a influência que cada conto tem sobre o próximo narrador. À medida que os personagens contam suas histórias, o anfitrião, Harry Bailly, e outros peregrinos frequentemente comentam e reagem às narrativas, expressando suas opiniões e solicitando que outro personagem conte um conto em resposta ao anterior. Esse aspecto da obra cria um ambiente dinâmico e interativo, onde os contos se entrelaçam e se relacionam entre si. Essa estrutura em camadas dá à obra uma sensação de realismo e autenticidade, pois imita as interações sociais e conversas que podem ocorrer em uma viagem em grupo. Além disso, a interação entre os personagens por meio das histórias ajuda a desenvolver seus retratos e aprofundar sua caracterização, tornando-os mais tridimensionais e interessantes para o leitor. Ao mesmo tempo, a independência de cada conto permite que Chaucer explore uma ampla gama de estilos literários, gêneros e temas. Ele demonstra sua versatilidade como escritor, adaptando sua escrita conforme as características e

personalidades de cada personagem. Isso também proporciona ao leitor uma experiência variada e estimulante.

Geoffrey Chaucer, principalmente por meio de sua obra *The Canterbury Tales*, exerceu uma profunda influência na manutenção e desenvolvimento da língua inglesa. Seu uso inovador do inglês médio, combinado com sua habilidade em retratar vividamente a sociedade medieval e os comportamentos humanos, solidificou a língua como uma forma respeitada de expressão artística e cultural. Além disso, sua escolha de escrever histórias que atravessavam as barreiras sociais e retratavam a vida cotidiana de diversas personagens contribuiu para uma democratização do uso da língua, tornando-a mais acessível e inclusiva. Ao longo dos séculos, Chaucer tem sido aclamado como o "pai da poesia inglesa", e sua influência é reconhecida e reverenciada pela sociedade literária. Sua maestria na variedade de estilos e técnicas, bem como sua abordagem inovadora na utilização do inglês, ainda são estudadas e admiradas por escritores e estudiosos até os dias atuais.

Chaucer também demonstrou habilidade em entrelaçar elementos realistas e idealizados em suas obras, criando uma narrativa complexa e envolvente. Sua escolha de retratar personagens de diferentes origens sociais com linguagem e expressões distintas, revelou sua profunda compreensão da natureza humana e da rica diversidade linguística e cultural da época. Apesar da incompletude de *The Canterbury Tales*, essa obra continua a cativar os leitores, estimulando discussões e interpretações variadas. Seu impacto na literatura inglesa é inegável, e sua influência transcendeu séculos, mantendo sua relevância e valor cultural ao longo do tempo.

Em suma, Geoffrey Chaucer deixou um legado na língua inglesa por meio de sua escrita inovadora e ousada, seu retrato vívido da sociedade medieval e sua abordagem inclusiva na linguagem. Sua influência se estendeu além de sua própria época, e sua obra continua a inspirar e encantar leitores e escritores, reforçando seu lugar de destaque na história da literatura inglesa. Como guardião da língua inglesa, Chaucer é uma figura inesquecível que marcou a evolução e manutenção da língua que conhecemos hoje. Quando nos deparamos com a obra de Chaucer, no século XIV, é notável a presença de numerosas frases e sentenças que, caso sejam submetidas a uma atualização ortográfica, assemelham-se precisamente a uma versão arcaica do inglês moderno. Um exemplo claro dessa característica é encontrado no início do prólogo de *The Canterbury Tales*:

*Whan that Aprill with his shoures soote
The droghte of March hath perced to the roote,
And bathed every veyne in swich licour*

*Of which vertu engendred is the flour...
[When that April with his showers sweet
The drought of March hath pierced to the root
And bathed every vein in such liquor
Of which virtue engendered is the flower...]* (CHAUCER, 1987, p.137)

Com a passagem do tempo, a língua inglesa passou por diversas transformações, influenciadas por fatores históricos, sociais e culturais. O período do inglês médio, em que Chaucer escreveu suas obras, foi uma fase crucial nessa evolução. A língua estava em transição após a invasão normanda e a influência do francês na Inglaterra, o que resultou na fusão do inglês antigo com o francês normando, dando origem ao inglês médio. Nesse contexto, Chaucer desempenhou um papel fundamental ao escolher escrever em inglês médio, demonstrando sua crença na importância e potencial da língua vernácula, contribuindo para o prestígio e reconhecimento dessa forma linguística emergente.

Através da obra de Chaucer, podemos observar a riqueza e a diversidade do inglês médio, com suas variações regionais e sociais, além das características que ainda persistem no inglês moderno. Sua escrita inovadora e a variedade de personagens que ele retrata proporcionam uma visão única da linguagem e da sociedade da época. Ao longo dos séculos, o inglês continuou a se desenvolver, sofrendo influências de outras línguas e se espalhando por todo o mundo devido ao império britânico e à globalização. Hoje, o inglês é uma das línguas mais faladas e importantes globalmente, sendo utilizada como língua franca em diversos setores, como negócios, ciência e cultura. Portanto, é possível afirmar que a obra de Chaucer representa uma ponte entre o inglês médio e o inglês moderno, mostrando a evolução e a riqueza da língua ao longo do tempo.

CONCLUSÃO

Ao longo da história, a Inglaterra enfrentou inúmeras invasões por povos estrangeiros, como os romanos, anglo-saxões, vikings e normandos. Essas invasões trouxeram consigo influências linguísticas diversas, enriquecendo o inglês com novas palavras e estruturas linguísticas. No entanto, essa diversidade também ameaçou a coesão da língua, resultando em diferentes variantes regionais.

Em meio a esse contexto de evolução e transformação linguística, surge Geoffrey Chaucer, cuja obra, *The Canterbury Tales*, desempenhou um papel crucial na manutenção e unificação do inglês. Escrito no final do século XIV, o poema épico apresentou uma versão do inglês conhecida como o inglês médio. Chaucer foi pioneiro ao adotar o inglês médio como veículo literário, afastando-se das línguas dominantes da época, como o latim e o francês. Essa escolha democratizou a literatura, tornando-a acessível não apenas à elite educada, mas também ao público em geral, contribuindo para a disseminação da língua inglesa.

The Canterbury Tales é notável pela diversidade de personagens que representam todas as camadas da sociedade medieval e suas respectivas variedades linguísticas. Ao atribuir a cada personagem um conto para contar, Chaucer incorporou uma ampla gama de dialetos e expressões regionais, capturando assim a riqueza e a variedade do inglês em evolução. Essa inclusão de diferentes variantes linguísticas contribuiu para a consolidação e preservação do inglês como uma língua unificada, superando as influências estrangeiras e regionais. E ressaltando a habilidade de Chaucer em conectar a narrativa principal da peregrinação com as histórias individuais dos personagens através das interações entre os peregrinos, reflete a coesão e continuidade da língua inglesa em meio a uma sociedade em rápida mudança. Essa abordagem única reforçou a ideia de uma comunidade linguística compartilhada, fortalecendo a identidade linguística da Inglaterra.

As invasões, a Guerra dos Cem Anos e a Peste Bubônica causaram impactos significativos na língua inglesa e nas camadas sociais. As mudanças trazidas pelas invasões e pelos eventos históricos resultaram em uma sociedade em transformação, onde o inglês passou a refletir essa diversidade. No entanto, graças ao trabalho de Chaucer e sua obra revolucionária, o inglês foi capaz de se adaptar e evoluir, garantindo sua sobrevivência como uma língua unificada e vital para a identidade da Inglaterra e do mundo anglófono. Assim, o legado de Chaucer permanece como um monumento à importância da língua inglesa e à sua capacidade de resistir e prosperar

diante das mudanças históricas e culturais, consolidando-se como uma língua influente e globalmente reconhecida. Sua contribuição para a manutenção do inglês e sua habilidade de representar a sociedade e a língua em evolução através da obra *The Canterbury Tales* são testemunhos de sua genialidade e impacto duradouro na história da língua inglesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, Culture and Kingship in Anglo-Saxon England**. Abingdon: Routledge, 2013.

ACKROYD, Peter. **The History of England: Foundation**. Oxford: Macmillan, 2011. v. 1.

ASHE, Laura. **Early Fiction in England: From Geoffrey of Monmouth to Chaucer**. London: Penguin Books, 2015.

AUGUSTYN, A. **From the Treaty of Brétigny to the accession of Henry V (1360–1413)**. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Hundred-Years-War/From-the-Treaty-of-Bretigny-to-the-accession-of-Henry-V-1360-1413>. Acesso em: 22 de junho de 2023

BARLOW, Frank. **Edward the Confessor**. Los Angeles: University of California Press, 1970

BAUGH, Albert C.; CABLE, Thomas. **A History of the English Language**. 5. ed. New Fetter Lane, London: Routledge, 2010.

BRAGG, Melvyn. **The Adventure of English: The Biography of a Language**. New York: Arcade Publishing, 2011.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of the English Language**. 3. ed. Cambridge: University Printing House, 2019.

_____. **The Stories of English**. New York: The Overlook Press, Peter Mayer Publishers, Inc., 2004.

Earle W Dowe (d. 1946), G Bell and Sons, London, 1910 (see file: England-878ad.jpg)
FISHER, John H. **The Emergence of Standard English**. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 1996.

FULK, R. D.; CAIN, Christopher M. **A History of Old English Literature**. 2. ed. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd, 2013.

GEOFFREY, Chaucer. **The Complete Canterbury Tales**. London: Sirius Publishing, 2019.

GUANZHONG, Luo. **The Romance of the Three Kingdoms**. London: Penguin Group, 2018.

GREENBLATT, Stephen. **The Norton Anthology of English Literature**. Digital ed. London: W. W. Norton & Company, 2012. v. 1.

HALLAM, E. M. (2002). **The Plantagenet Chronicles**. Phoenix Press.

HUSSEY, S. S. **Chaucer: an introduction**. 2. ed. New York: Routledge, 2020.

INGRAM, Rev. James. **The Anglo-Saxon Chronicles**. London: Everyman Press, 1912.

JONES, Dan. **The Plantagenets: the warrior kings and queens who made England**. New York: Penguin Books, 2014.

KEAN, P. M. **Chaucer and the Making of English Poetry: The Art of Narrative**. Abingdon: Routledge, 2020. v. 2.

KELLY, John. **The Great Mortality: an intimate history of the Black Death, the most devastating plague of all time**. 1. ed. London: HarperCollins Publishers, 2005.

KER, W. P. **Medieval Poetry Collection: Translations and Original Texts**. East Sussex: Delphi Classics, 2020.

MONMOUTH, Geoffrey. **The History of the Kings of Britain**. Digital ed. Penguin Books, 1977.

MASSON, V. **The Black Death**. Disponível em: <https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofEngland/The-Black-Death/#:~:text=In%20total%2030%2D40%25%20of,toll%20reached%2080%2D90%25>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

MORRIS, Mark. **The Norman Conquest: The Battle of Hastings and the fall of Anglo-Saxon England**, New York: Pegasus Books LLC, 2012.

ROBINSON, F. N. **The Riverside Chaucer**. 3. ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1987.

SAUNDERS, Corinne. **A Companion to Medieval Poetry**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2010

SAWER, Peter. **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TOLKIEN, J.R.R. **Beowulf: A Translation and Commentary**. London: HarperCollinsPublishers, 2014.

_____. **Beowulf: The Monsters and the Critics**. Proceedings of the British Academy, 1997.

TREHARNE, Elaine. **Medieval Literature: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

WILKINSON, James. **Poets' Corner**. Disponível em: <https://www.westminster-abbey.org/pt/about-the-abbey/history/poets-corner>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

WILSON, R.M. **Early Middle English Literature**. Abingdon: Routledge, 2020. v. 53.